



Psicopatologia do Desenvolvimento *- Relatórios Técnicos -*

DISCIPLINA NÃO-COERCIVA

TREINAMENTO PARA PAIS



Vitor Gerald Haase
Karl Christoph Käppler
Alexa Schaefer
Camila Teixeira Heleno
Janine Marinho Dagnoni
Patrícia Corrêa de Freitas

Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento
Laboratório de Psicologia da Família

Departamento de Psicologia – FAFICH/UFMG

**PSICOPATOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO –
RELATÓRIOS TÉCNICOS** é uma pré-publicação de
trabalho original enfocando procedimentos de avaliação e
intervenção em Psicologia desenvolvidos nos Laboratórios
de Neuropsicologia do Desenvolvimento e de Psicologia
da Família.

Editor: Prof. RUI ROTHE-NEVES

Pedidos de cópias devem ser enviados ao:

Departamento de Psicologia, FAFICH/UFMG
Av. Antonio Carlos, 6627
31270-901 Belo Horizonte, MG
Brasil

ÍNDICE	
I) Apresentação.....	74
II) Introdução.....	75
III) O que é o Treinamento de Pais.....	86
IV) Passo 1: Por que as Crianças se Comportam mal?.....	91
<ul style="list-style-type: none"> 1) Características da Criança 2) Características dos Pais 3) Problemas com a Família 4) História de Relacionamento entre os Pais e a Criança 	
V) Passo 2: Preste Atenção no seu Filho.....	98
VI) Passo 3: Aprendendo a dar Ordens e Ensinado seu Filho a Brincar Sozinho.....	104
VII) Passo 4: Utilizando Fichas.....	108
VIII) Passo 5: Tirando Fichas e Aplicando Suspensão.....	114
IX) Passo 6: Estendendo a Suspensão.....	120
X) Passo 7: Antecipando Problemas – Lidando com Crianças em Lugares Públicos.....	122
XI) Passo 8: Melhorando o Comportamento na Escola.....	129
XII) Referência Bibliográfica.....	133
XIII) Realização.....	135

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esta cartilha fosse publicada. Em especial agradecemos aos membros e amigos do Laboratório de Psicologia da Família e do Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento, da Universidade Federal de Minas Gerais.

APRESENTAÇÃO

Este relatório não pretende ser definitivo ou absoluto nas suas informações e conceitos, mas apenas ajudá-lo a conduzir seu filho da melhor maneira possível. Trazemos aqui, práticas, que devem ser seguidas passo a passo para que dêem certo e que de nada adiantam se assim não for feito. Este relatório é, ainda, um convite para que juntos pensemos um pouco mais a respeito de como lidar com as crianças. Esperamos com isso estar prestando um serviço à comunidade.

Problemas de comportamentos inadequados das crianças são comuns e se tomarmos uma atitude correta podemos modificá-los ou, pelo menos, minimizar as conseqüências futuras.
--

Os procedimentos aqui sugeridos são recomendados para a aplicação em crianças com idades entre 4 a 12 anos, faixa etária onde surtem resultados mais efetivos. Porém, os conhecimentos disponibilizados aqui poderão ajudar a você, pai ou mãe, em qualquer época.

Agradecemos a todos que direta ou indiretamente colaboraram para que estas orientações pudessem se tornar realidade.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho vamos apresentar uma metodologia de trabalho colaborativo com os pais, o treinamento comportamental de pais. Após algumas considerações iniciais sobre os pressupostos teóricos e metodológicos, nos concentraremos na descrição de um programa adaptado a partir do trabalho de Barkley (1997b) e que está sendo utilizado nos Laboratórios de Neuropsicologia do Desenvolvimento e de Psicologia da Família do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

Algumas abordagens nosológicas em psicopatologia do desenvolvimento (e.g. Achenbach, 1992) dividem os distúrbios comportamentais na infância conforme um eixo que gira em torno da dicotomia internalizante-externalizante. Os distúrbios internalizantes são relacionados às problemáticas da ansiedade-depressão, já os distúrbios externalizantes são aqueles em que as adaptações se manifestam sob a forma de comportamentos externamente observáveis, seja sob a forma de agressividade (transtorno de conduta) ou hiperatividade (ADHD). Do ponto de vista nosológico, os problemas psicopatológicos que mais se associam à desobediência em casa ou às dificuldades de comportamento escolar são justamente os distúrbios externalizantes. A compreensão contemporânea é de que os transtornos do comportamento podem estar associados a distúrbios do desenvolvimento do sistema nervoso central (vide por exemplo, Teeter & Semrud-Clikeman, 1997). Ainda assim a estrutura familiar e o estilo de criação adotado pelos pais podem assumir papéis decisivos, quer seja diminuindo ou amplificando as dificuldades da criança. O reconhecimento da importância da família tornou necessário o desenvolvimento de programas específicos, visando capacitar os pais a promover o desenvolvimento mais adaptativo possível dos seus filhos com dificuldades de comportamento.

Os transtornos do desenvolvimento, tais como aqueles associados aos comportamentos externalizantes de hiperatividade e desobediência, colocam desafios complexos para os indivíduos afetados e suas famílias. Na maioria das vezes há necessidade de atendimento continuado e multimodal, por profissionais de diversas áreas. Uma abordagem do desenvolvimento aos transtornos neurológicos e psiquiátricos implica no reconhecimento da importância que a dimensão psicológica assume na promoção da saúde e do crescimento das crianças afetadas e de suas famílias. Por um lado, indivíduos portadores de lesões ou disfunções do sistema nervoso central apresentam uma frequência até cerca de 20 vezes maior de problemas psicopatológicos (Tramontana & Hooper, 1997). Por outro lado, a adaptação psicossocial e, principalmente, a percepção dos indivíduos sobre esta mesma

adaptação, têm se revelado melhores preditores dos desenlaces relacionados à saúde do que avaliações "objetivas" ou externas, realizadas por profissionais (Knäuper & Schwarzer, 1999). Do ponto de vista psicoterapêutico houve um progresso enorme nas últimas décadas quanto à variedade de abordagens eficazes disponíveis e que podem ser oferecidas às famílias com o intuito de melhorar o seu funcionamento psicossocial e de prover a aquisição de habilidades e o desenvolvimento de crianças portadoras de *handicaps* neurológicos. Segundo Kusch e Petermann (2000), alguns dos principais avanços são: a) o reconhecimento da importância dos aspectos psicoeducativos; b) o desenvolvimento de um estilo colaborativo de atendimento, em que as famílias tem voz mais ativa na condução do tratamento, participando na tomada de decisões e, muitas vezes, implementando elas mesmas a terapia proposta no papel de co-terapeutas; c) a realização da terapia no ambiente natural da criança, ou seja, em casa ou na escola; e, finalmente, d) o maior respeito e consideração pelos direitos e pela pessoa da criança, procurando estimular sua capacidade de iniciativa e independência.

A atuação dos pais, na maioria das vezes as mães, como co-terapeutas apresenta diversas vantagens. Por um lado, a participação no processo decisório e na implementação da terapia aumenta o engajamento no processo terapêutico, promovendo a auto-eficácia e uma filosofia de auto-cuidado, que são ingredientes essenciais ao sucesso terapêutico no caso de problemas crônicos. Por outro lado, a colaboração dos pais, trabalhando como co-terapeutas, é um dos métodos preconizados para promover a generalização dos efeitos da terapia para a vida cotidiana. Em alguns casos, os pais podem treinar as técnicas a serem empregadas em uma situação mais formal de consultório ou laboratório, para depois aplicá-las em casa. Em outros casos nem se coloca o problema da transferência, uma vez que todo o tratamento é conduzido em casa.

A colaboração dos pais como co-terapeutas é um dos principais avanços ocorridos na área, mas nem sempre é fácil de implementar. A técnica exige uma análise muito cuidadosa do potencial real da família, uma vez que existe o risco de aumentar o desajuste e o sofrimento. Alguns autores consideram, inclusive, que a presença de patologia psiquiátrica grave em um dos pais ou de um grau elevado de disfunção na estrutura familiar são contra-indicações formais para a utilização deste tipo de abordagem (Barkley, 1997b).

O trabalho colaborativo com os pais exige também uma disposição psicoeducativa por parte do profissional. É muito comum que os pais venham para o atendimento com a expectativa de que o tratamento será realizado pelo terapeuta, como ocorre no modelo médico tradicional ou em outras abordagens psicoterapêuticas em que a mãe fica aguardando na sala de espera, enquanto olha uma revista e fuma um cigarro. Alguns pais ficam desconcertados ao se confrontarem com uma alternativa diferente, em que lhes é proposto que assumam um outro papel, em que lhes é proposto o desafio de modificarem antes o seu próprio comportamento com o intuito de modificar o comportamento da criança. Nestas circunstâncias, o terapeuta procura intervir pedagogicamente, demonstrando para os pais a correlação que existe entre o seu comportamento e o comportamento da criança. Isso pode ser feito, por exemplo, com o auxílio de gráficos registrando a variação dos comportamentos da criança em função de variações sistemáticas no comportamento dos pais, ou de modo mais convincente ainda, com o auxílio de registros em vídeo. É necessário, porém, que o terapeuta seja cauteloso, encontrando um equilíbrio ótimo entre o confronto e o apoio.

O ideal é que os pais se transformem em peritos no que diz respeito à problemática apresentada por seus filhos. Os pais precisam ser esclarecidos sobre o modelo de relações causais que embasa a análise do(s) comportamento(s) apresentado(s) pela criança, bem como da racionalidade subjacente à proposta terapêutica. Luria (Luria, Naydin, Tsvetkova & Vinarskaya, 1969) já chamava atenção, há muitos anos atrás, para o fato de que se o cliente não compreende a sua lógica, o esforço reabilitador em neuropsicologia está fadado ao insucesso. Um dos principais modelos utilizados atualmente em neuropsicologia do desenvolvimento é a análise funcional do comportamento, ou o esquema $S : R \Rightarrow C$, derivado dos princípios operantes da aprendizagem descritos por Skinner (vide, por exemplo, Kazdin, 1994). A análise funcional do comportamento se baseia tanto na identificação dos antecedentes (A) que eliciam um comportamento (B), quanto principalmente na identificação dos conseqüentes (C) que contribuem para a manutenção do mesmo comportamento (esquema ABC). As intervenções podem ser baseadas em procedimentos destinados a modificar os antecedentes ou os conseqüentes, sendo que estes últimos são considerados mais eficientes.

A questão da disciplina é uma das mais cruciais enfrentadas atualmente por pais e educadores. Baumrind (1971, cit. in Papalia & Olds, 2000, p. 230) estabeleceu uma tipologia dos estilos educacionais adotados pelos pais (vide Tabela 1). Certas famílias são tão disfuncionais que os pais, simplesmente, não conseguem cumprir os seus papéis de educar os filhos. Nestas famílias, que podem ser chamadas de negligentes, não existe autoridade nem tampouco envolvimento com a criança. Alguns pais acreditam, por outro lado, que é imprescindível disciplinar os seus filhos e que se não o fizerem de modo severo, as crianças não internalizarão os valores sociais sancionados pela comunidade em que vivem. Este é o estilo "antigo" ou autoritário, baseado na autoridade e sem envolvimento dos pais com a criança. O ponto de vista alternativo é que basta o envolvimento com os modelos a que estão submetidas, para que as crianças aprendam o que é certo e o que é errado. As medidas disciplinares não seriam, neste caso tão importantes. Este é o estilo indulgente ou "laissez faire", em que os pais adotam uma atitude supostamente "liberal" e negligenciam a necessidade de disciplinar o comportamento dos filhos. Uma espécie de contrapeso a estes dois extremos polarizados é o modelo eficiente ou "autoritário" em que a disciplina é construída a partir de uma base de confiança mútua e os pais adotam um estilo mais contratual, em que as normas e regras são explicadas e negociadas com a criança sob a forma de "combinados". Apesar de inúmeros estudos longitudinais (vide revisão em Collins, Maccoby, Steinberg, Hetherington & Bornstein, 2000) demonstrarem que o estilo autoritativo é o que se correlaciona com os desenlaces mais positivos do ponto de vista do desenvolvimento da criança, este é o método mais raramente empregado e o que mais exige preparo e disposição por parte dos pais e educadores. Tanto a punição quanto a negligência ou indulgência disciplinar são bastante cômodas para os pais, uma vez que exigem pouca conversa, pouca fundamentação, pouco auto-controle, pouca consistência no seu emprego e etc..

Tabela 1 – Estilos Educacionais dos Pais		
	Presença de controle	Ausência de controle
Envolvimento com a criança	Estilo competente	Estilo indulgente
Ausência de	Estilo autoritário	Estilo negligente

envolvimento		
---------------------	--	--

Além do estilo disciplinar dos pais, devem ser consideradas também as características pessoais da criança. Talvez para a maioria das crianças o estilo disciplinar dos pais nem seja uma variável tão relevante. Para algumas crianças, entretanto, a filosofia disciplinar dos pais, ou sua ausência, acaba sendo decisiva. Um grupo pequeno de crianças chama atenção muito cedo nos estudos longitudinais, pelas características temperamentais difíceis. Estas crianças tem dificuldade em protelar suas necessidades de gratificação, choram muito, são muito exigentes em relação aos cuidados oferecidos pelos pais, apresentam dificuldades para controlar seus impulsos, intolerância à frustração, características comportamentais opositivas e etc.. Apesar de as correlações serem baixas, da ordem de 0.3 a 0.4, estas características comportamentais impressionam pela sua estabilidade ao longo do curso da vida (Caspi, Elder & Bem, 1987). O fato de que as correlações são fracas indica, por outro lado, que vários fatores moderadores podem estar atuando para favorecer um curso de desenvolvimento mais satisfatório. Os principais fatores moderadores identificados dizem respeito à estrutura familiar, às características temperamentais dos próprios pais e ao estilo disciplinar adotado.

A evolução pode ser favorável, por exemplo, naqueles casos em que os pais possuem características mais tolerantes de personalidade, ou quando o estilo disciplinar é mais autoritário. No caso, entretanto, de os próprios pais possuírem características temperamentais explosivas ou muito rígidas, o caldo pode entornar. Neste caso, acaba sendo construída uma estrutura coerciva de relacionamentos interpessoais na família. Frente às tentativas por parte dos pais de impor disciplina, a criança aprende muito cedo a responder com birras e pirraças e instala-se um clima de guerra de vontades na família, cada um querendo impor ao outro a sua própria. Cria-se um verdadeiro círculo vicioso, o qual é ilustrado pela estrutura típica da pirraça, descrita na Figura 1.

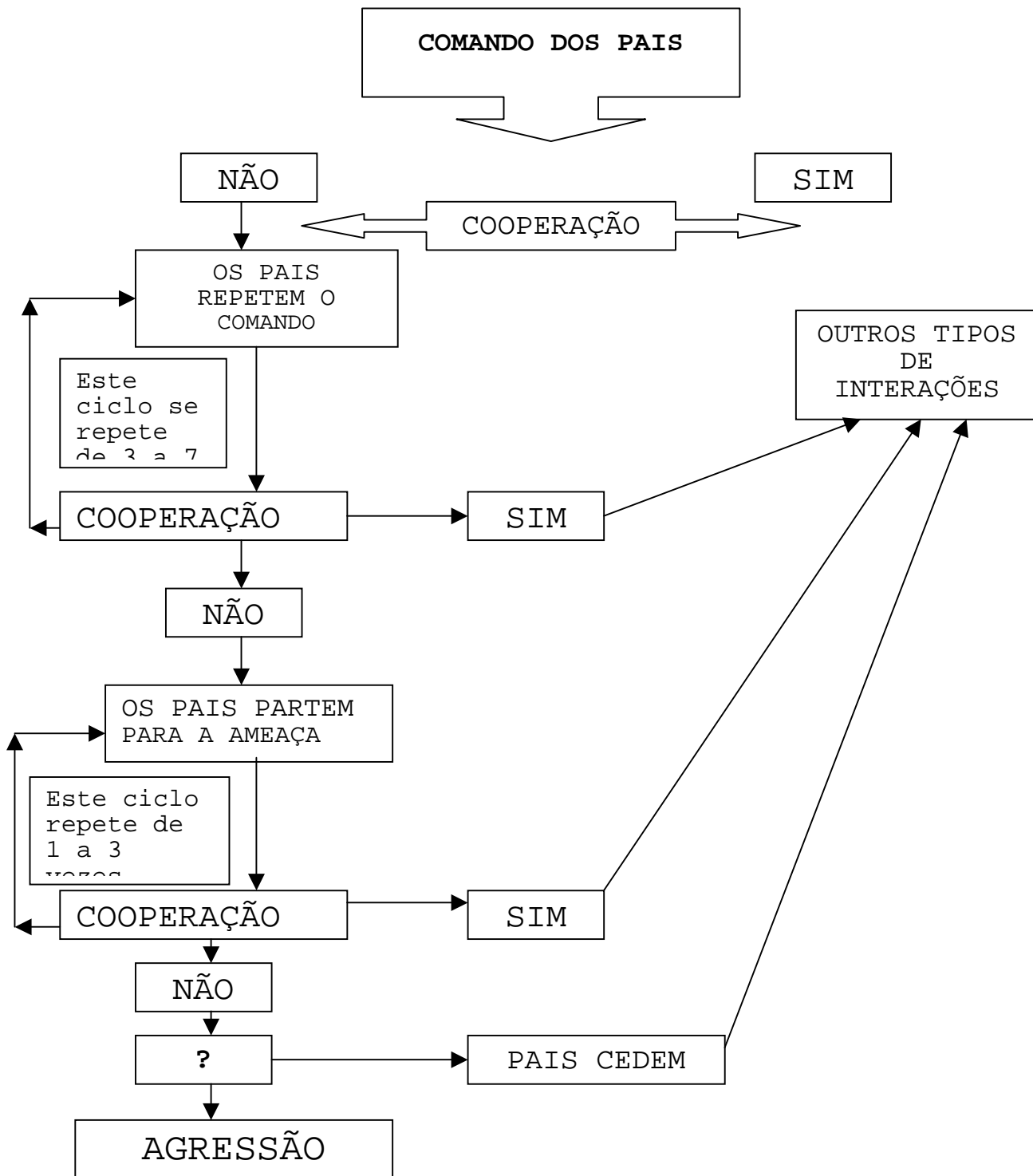


Figura 1 - Ciclo das interações coercivas entre pais e filhos

(adaptado a partir de Barkley, 1997b)

A Figura 1 demonstra o círculo vicioso do mau comportamento. O círculo se inicia quando os pais emitem uma ordem. Se a criança obedece, a família parte para outras interações. Caso a criança não obedeça, os pais entram em um circuito de repetir a ordem, até cerca de 7 vezes, caso a criança não coopere. Se, finalmente, a criança obedece, a família parte para outras interações. Caso contrário, o ciclo de repetição da ordem é percorrido por mais sete vezes. Até que finalmente, a criança obedeça ou não. Caso nem assim a criança resolva cooperar, os pais se deparam, exasperados, com um dilema: partir para a punição física ou deixar para lá. Nenhuma destas alternativas é aceitável. A punição física não é mais socialmente aceitável por vários motivos. Em primeiro lugar, a punição física humilha a criança. Em segundo lugar, os pais correm sempre o risco de punir injustamente a criança. Em terceiro lugar, é muito difícil dosar a punição em função da severidade da falta. Em quarto lugar, a tendência a utilizar padrões inconsistentes de punição transmite uma mensagem ambígua para a criança. Em quinto lugar há o risco de os pais tenderem a ser mais punitivos quando estão com problemas. Em sexto lugar, a punição ensina à criança que a violência física é um modo aceitável de fazer valer seu ponto de vista. E, finalmente, caso a criança nem assim obedeça, os pais correm o risco de perder a paciência de vez e passarem a percorrer o ciclo das punições repetidas, o qual vai sempre terminar na delegacia. A alternativa de ceder ou deixar para lá também é inaceitável, pois reforça negativamente o comportamento coercivo da criança, deseducando-a. Uma das características mais perversas da coerção ou agressão é ser um comportamento duplamente reforçado. Através da agressão e da coerção, o agressor sempre obtém pelo menos o acesso a bens ou privilégios que lhe estavam sendo negados pela vítima, ao mesmo tempo em que interrompe o comportamento aversivo da vítima.

Como uma tentativa de romper este ciclo vicioso de interações coercivas na família, Constance Hanf, da Universidade de Oregon, propôs há quase 30 anos a introdução de um programa de treinamento de pais (Anastopoulos & Barkley, 1990). Pesquisas sistemáticas tem sido realizadas com diferentes versões deste programa e os resultados tem sido muito positivos, tanto do ponto de vista da sua eficácia, quanto do ponto de vista da satisfação do cliente (Anastopoulos & Barkley, 1990). A idéia básica consiste em introduzir de modo didático os fundamentos da análise aplicada do comportamento para os pais, educando-os sobre a necessidade de motivar seus filhos para que se comportem bem e supervisionando-os na aplicação de técnicas de incentivo, de

atenção ao bom comportamento da criança e de punição não-física leve (*time out* ou suspensão). Tais programas são indicados para crianças a partir de 3 anos de idade e antes da entrada na adolescência. Os programas se revelaram eficazes tanto em populações clínicas, quanto em populações não-clínicas, sob a forma de manuais de auto-ajuda. O método não se constitui, entretanto, em nenhuma panacéia e existem contra-indicações. As principais contra-indicações consistem da presença de alterações muito graves na estrutura familiar, na presença de desagregação familiar, marginalização social ou de patologias psiquiátricas mais severas na família, tais como alcoolismo, drogadicção, psicoses e etc..

O Programa de Treinamento de Pais adotado pelos Laboratórios de Neuropsicologia do Desenvolvimento e de Psicologia da Família foi desenvolvido a partir de programas similares norte-americanos e alemães (vide p.ex., Anastopoulos & Barkley, 1990; Wells, 1994, MacMahon, 1996, Döpfner, Schürmann & Fröhlich, 1996, Petermann & Petermann, 1997). O programa consiste de dez sessões (vide Tabela 2) em que os pais recebem explicações sobre as causas do mau comportamento em crianças, recebem orientações e são treinados em métodos disciplinares não-coercivos. A idéia fundamental do programa é fazer com que os pais desenvolvam uma atitude mais positiva em relação à criança, contribuindo para desanuviar o ambiente familiar. Através de técnicas como o recreio especial, atenção seletiva aos comportamentos obedientes e treinamento da obediência e economia de fichas, os pais são ensinados a trabalhar a motivação da criança. Com isto, as atenções paterna e materna acabam adquirindo um valor muito maior como reforçador.

Tabela 2 - Programa de Treinamento de Pais

1. Por que as Crianças se Comportam Mal. Aplicação do questionário sobre características dos pais e da criança e dos inventários sobre situações domésticas e comportamentos importunos. Pequena palestra sobre o círculo vicioso das interações coercivas (Figura 1).
2. Preste Atenção! Os pais aprendem a prestar atenção no bom comportamento, elogiando-o e valorizando-o. É ensinada a técnica do recreio especial, que contribui para desanuviar o clima na família, aumentar o envolvimento dos pais com a criança e para motivar a criança no sentido de cooperar com os pais. Dinâmica do Bom e do Mau

Chefe. Você está sendo um bom chefe para o seu filho?

3. Aumentando a Obediência e a Brincadeira Independente. Os pais aprendem a elogiar a criança quando esta brinca independentemente ou obedece. A duração dos episódios de brincadeira independente e construtiva é ampliada através de ensaios comportamentais.

4. Quando o Elogio não Basta: Economia de Fichas. Quando o elogio não basta, os pais precisam recorrer a um sistema mais poderoso e sistemático de incentivos à criança, a economia de fichas.

5. Suspensão e outros Métodos Disciplinares. Assim como a guerra é o fracasso da diplomacia, a punição é o fracasso da pedagogia. A punição deve ser adequada, sistemática e coerentemente aplicada, não-física e aplicada sem raiva ou perda do auto-controle. Um método brando e eficaz de punição é a suspensão do reforçamento ou *time out*.

6. Aplicando a Suspensão em outras Formas de Mau Comportamento. Prática dos procedimentos de suspensão e extensão a outros comportamentos, quando necessário.

7. Antecipação de Problemas: Manejo da Criança em Lugares Públicos. Uso das técnicas de atenção positiva, antecipação, incentivo e punição moderada para promover o comportamento adequado em lugares públicos.

8. Melhorando o Desempenho Escolar a partir de Casa: Ficha Diária de Comportamento na Escola. Trabalho de colaboração entre pais e educadores.

9. Antecipando Problemas Futuros.

10. Sessões de Acompanhamento. Aplicação do questionário sobre características dos pais e da criança e dos inventários sobre situações domésticas e comportamentos importunos.

Desta maneira, na segunda parte do programa, os pais aprendem a aplicar a suspensão de reforçamento como método disciplinar nas situações que assim bem como a antecipar situações que podem desencadear comportamentos problemáticos.

Diversas evidências experimentais indicam que as crianças muitas vezes classificadas como difíceis, que exibem características de comportamento impulsivo, agitado ou opositivo, apresentam algumas deficiências nos processos de reforçamento (vide revisão em Barkley, 1997a). O programa se baseia na idéia de que estas crianças precisam ser reforçadas de modo mais freqüente, mais imediato, mais intenso, mais diferenciado e mais sistemático. Todo o programa de treinamento de pais pode ser entendido como um "banho de reforçamento positivo" na criança. Ao se verem presos no círculo vicioso das

Psicopat.Des.Rel.Tec. Belo Horizonte ano 1 n°2 p.72-135 jul/dez 2000

interações coercivas, tanto os pais quanto as crianças ficam sujeitos às contingências imediatas do reforçamento positivo interagindo com o reforçamento negativo, perdendo assim a capacidade de agir reflexivamente e, portanto, a sua autonomia.

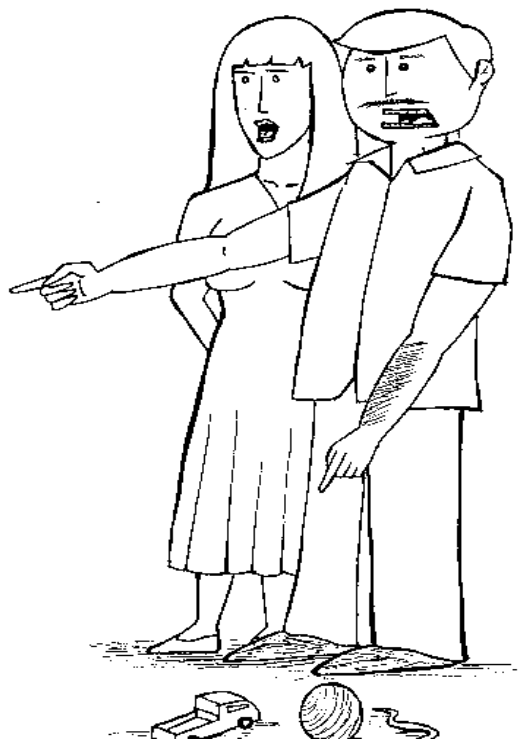
Para a criança, é quase impossível escapar deste circuito diabólico. A perspectiva da criança é mais limitada do que a dos pais. A criança pode sentir, por exemplo, como uma "vitória" sobre os pais quando ela ganha mais cinco minutos de brincadeira e os pais repetem por dezenas de vezes a ordem para tomar banho ou lavar as mãos. Cabe aos pais, portanto, a iniciativa de romper o círculo vicioso. Isto pode ser feito com a ajuda do programa de treinamento de pais. Ao contribuir para que os pais ajam de modo mais reflexivo quando se trata de implementar a disciplina, fazendo também com que os pais aprendam a valorizar e a elogiar os comportamentos cooperativos da criança, acreditamos que o programa de treinamento de pais pode contribuir para que tanto os pais quanto as crianças ajam de modo mais colaborativo, mais livre e mais autônomo.

O QUE É O TREINAMENTO DE PAIS ?

Ajude os pais de Pedrinho a encontrar uma solução para resolver a seguinte historinha:

Pedrinho é um garoto de 7 anos, que gosta muito de brincar. Quando brinca, espalha brinquedos pela casa inteira, mas nunca lembra de juntar. Papai João e mamãe Maria têm sempre que mandar:

- Pedrinho, por favor, junte essa bagunça!



Ao ouvir a ordem, Pedrinho pode fazer o que seus pais mandaram....



e o problema estará resolvido.

Ou

ele pode fingir que não escutou e não guardar os brinquedos.



Então, papai João e mamãe Maria resolvem mandar de novo, dessa vez falando mais alto:

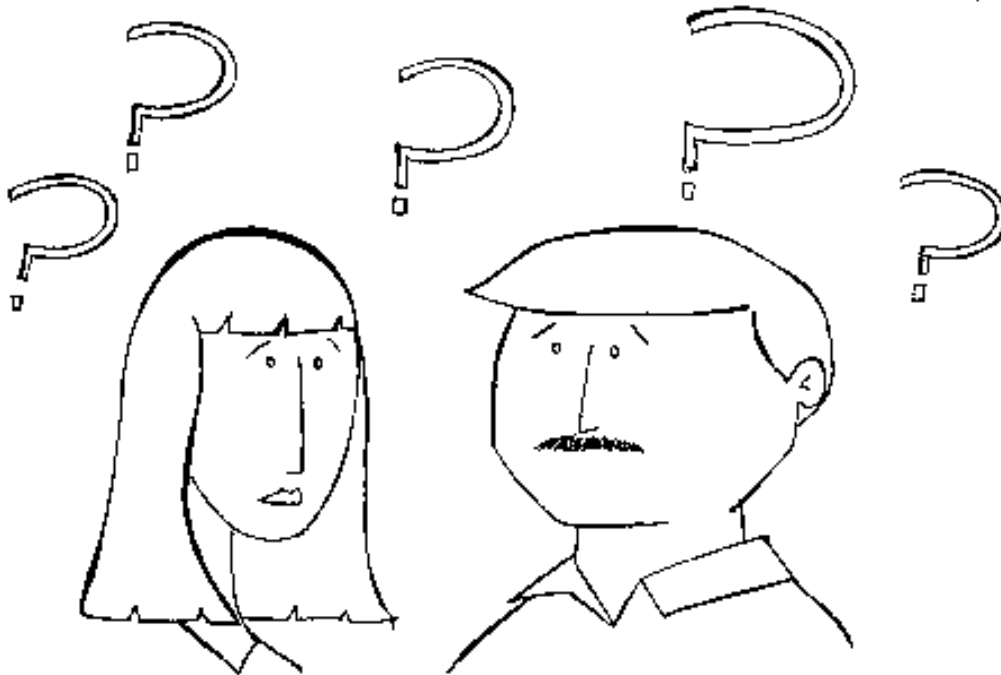
- Pedrinho, não escutou? Pelo amor de Deus, guarde agora suas coisas!

Como da outra vez, Pedrinho pode resolver o problema guardando os brinquedos, ou pode fingir que nada aconteceu, e que ele nem ouviu. Quando isso acontece, papai João resolve ameaçar:

- Pedrinho, se você não juntar esta bagunça, vai apanhar!!!



Ih! Parece que a coisa ficou séria... se Pedrinho resolver atender desta vez, pode escapar da surra. Mas, e se ele não obedecer?... O que os pais de Pedrinho devem fazer?



Q
ua
l
se
ria
a
su
a
es
co
lh

a?

- a) Cumprir a ameaça e dar uma surra.
- b) Desistir de pedir, deixar pra lá e guardar os brinquedos para ele.

Parece que o problema está no final da história, mas na verdade ele começou bem no início. Se papai João e mamãe Maria soubessem disso, talvez não tivessem tido tantos problemas em decidir o que fazer.

Aqui nesse relatório, propomos uma “alternativa C”, procurando descobrir onde estão os problemas e tentando solucioná-los passo a passo. Esses passos devem ser aplicados um a um, semana a semana, sendo sempre os passos novos acrescentados aos anteriores, respeitando sempre a seqüência estabelecida.

E aí, vamos tentar?

PASSO 1: POR QUE AS CRIANÇAS SE COMPORTAM MAL?

Antes de pensar numa resposta, é importante que você saiba que a culpa pelo mau comportamento do seu filho não é só dele ou só sua. Grande parte do problema está na relação pai - filho. Tirando a responsabilidade exclusiva do mau comportamento do ombro dos pais ou dos filhos, fica mais fácil pensar em uma solução.

Pensando nisso, o que você acha que causa o comportamento desobediente do seu filho?

Existem quatro grupos de motivos que podem estar causando o mau comportamento de seu filho, ele pode se encaixar em um ou em mais grupos.

1º - Características da criança

Você já reparou que cada criança é de um jeito? Tem crianças que são mais calmas, outras tem mais facilidade em prestar atenção, outras se irritam mais facilmente, além disso algumas crianças podem ter problemas com o seu desenvolvimento, como por exemplo problemas físicos, de saúde, de linguagem ou motores.

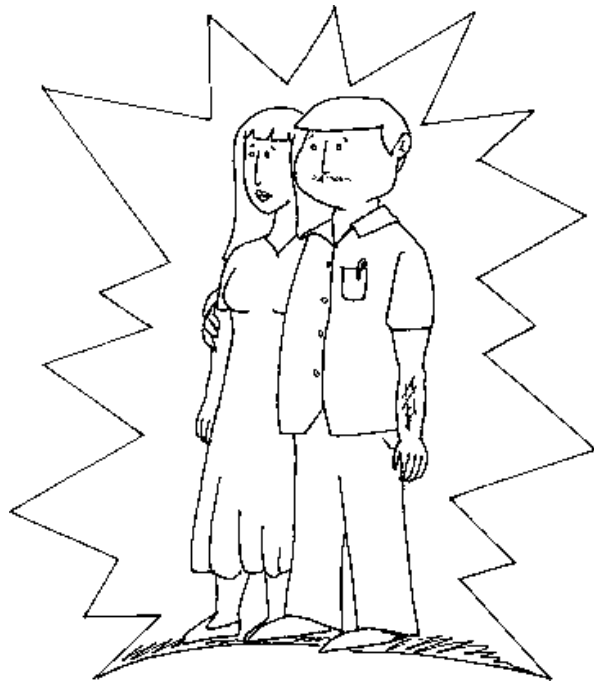
Todas essas características podem influenciar o comportamento da criança, fazendo com que ela tenda a se comportar melhor ou pior. Pensando nisso, como você descreveria seu filho?



2º - Características dos pais

Assim como as crianças, os pais também têm características próprias, e essas podem estar contribuindo para o mau comportamento dos filhos. Alguns pais, por exemplo, são nervosos demais, outros calmos demais...

Pense em você mesmo e responda: qual característica sua pode estar mantendo o comportamento desobediente de seu filho?



3º - Problemas com a família

Outra razão para o mau comportamento dos filhos pode estar em diversos problemas que ocorrem com as famílias, como desentendimentos entre o casal, dificuldade financeira, problemas de saúde com algum dos pais, ...

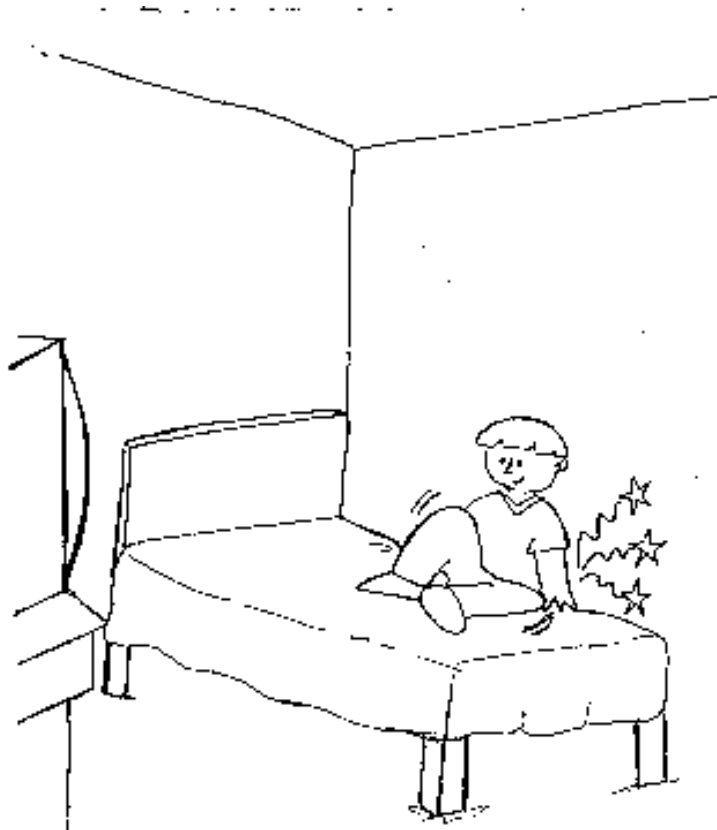
Qualquer problema que mude a rotina da casa pode mudar também o comportamento dos filhos. Se os pais mudam de atitude com os filhos, por estarem abalados com algum problema, a criança pode reagir mudando também seu comportamento.

E ainda, se os pais estiverem com algum problema, eles podem enxergar o mesmo comportamento do filho de maneiras diferentes. Brinquedos espalhados podem passar despercebidos em um dia e no outro ser motivo para uma surra.

4º - História de relacionamento entre os pais e a criança

As crianças sempre se comportam mal por algum motivo. Na maioria das vezes, ganham alguma coisa com isso ou deixam de fazer algo que exija trabalho ou esforço. O que para você pode ser um castigo, para ele pode ser um prêmio. Garantimos que ele não vai achar nada ruim se você colocá-lo de castigo onde ele possa assistir TV ou brincar.

O que seu filho ganha ou deixa de fazer quando se comporta mal?



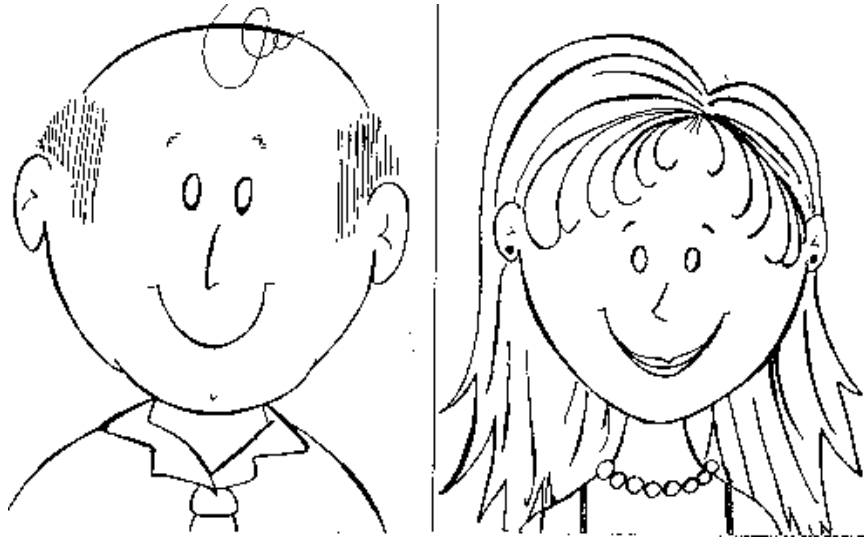
Além disso, quando as crianças não têm a supervisão adequada, ou seja, quando os pais não acompanham o cumprimento da ordem, é mais difícil elas se comportarem bem e acabam aprontando mesmo. É bem mais fácil fazer coisa errada quando os pais não estão por perto!

Qual a supervisão que você dá a seu filho?

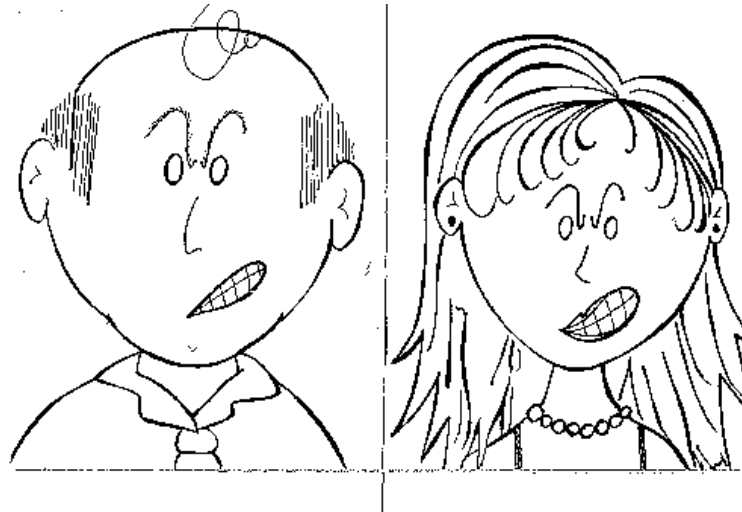
PASSO 2: PRESTE ATENÇÃO NO SEU FILHO

Pense em uma pessoa que você goste de conviver. Pode ser um bom colega, um bom chefe, ...

Quais características que esta pessoa tem que fazem você gostar dela?



Agora pense em uma pessoa que você não goste, que seja um mau colega, um mau chefe. Quais características que esta pessoa possui que o deixam aborrecido ou chateado?



Se um bom chefe e um mau chefe o mandarem fazer algo, para qual dos dois você faria o melhor serviço? E com qual dos dois você estaria mais feliz?

Pensando nisso, podemos ver como agimos de maneiras diferentes com os outros de acordo com a forma com que somos tratados. O mesmo acontece com seu filho. Que tipo de “chefe” você tem sido para ele?

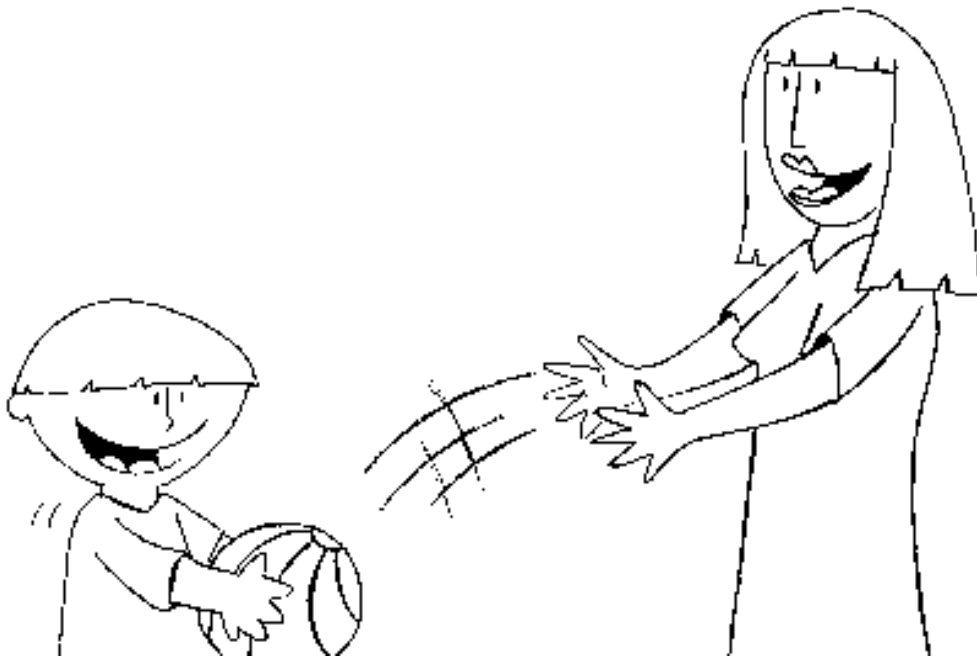
Quando seu filho se comporta mal você tem que dar atenção (nem que seja para chamar a atenção dele) e ele acaba ganhando com isso. O que aconteceria se você começasse a dar atenção a ele quando ele se comportasse bem?

Talvez ele não precisasse mais se comportar tão mal só para ter você mais por perto!

.....

Tire um tempinho e vá brincar com seu filho. Seria ótimo que conseguisse fazer isso todos os dias, mas se não puder, brinque com ele ao menos 4 vezes por semana. Diga a ele que essa será a hora do recreio especial. Para esse recreio, 15 minutos serão suficientes. Pode ser que no início você se sinta meio desajeitado e bobo. Isso é natural e você verá que já no 3º ou 4º recreio especial tudo ficará mais fácil.

Afinal, você também já foi criança um dia, apenas se esqueceu como é e precisa agora (re)aprender a brincar!



Durante o tempo da brincadeira procure seguir as seguintes regrinhas para garantir o sucesso desta atividade:

1) Tente ignorar as coisas ruins que seu filho fizer e descobrir o que ele tem de bom. Só interrompa a brincadeira caso ele tenha um mau comportamento que possa prejudicá-lo fisicamente ou a terceiros, ou ameace destruir algo.

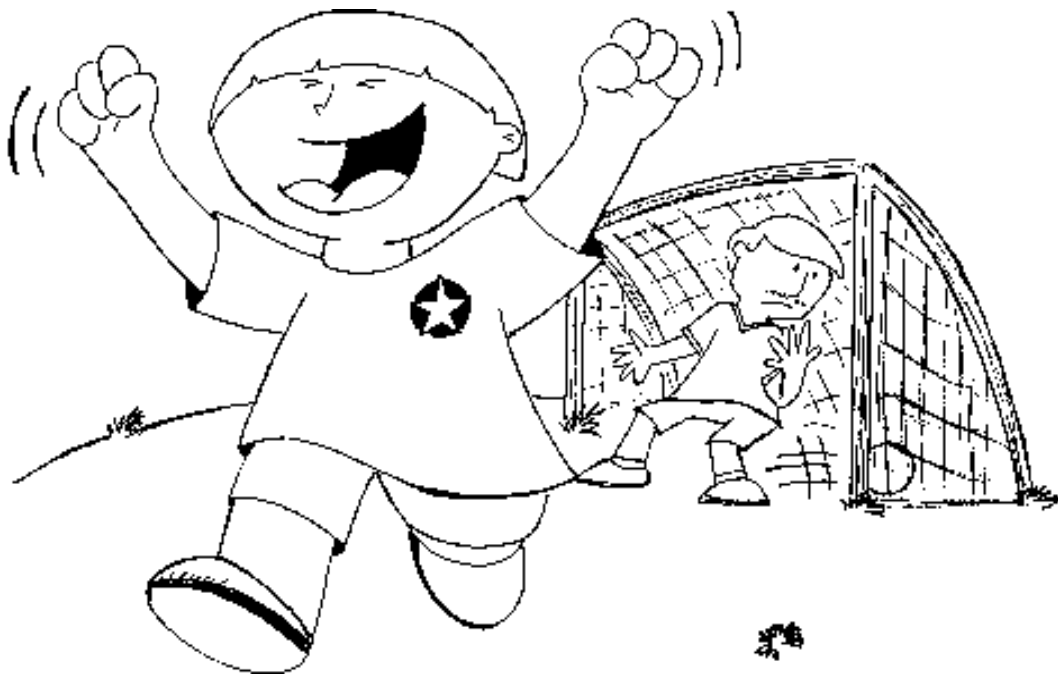
2) Elogie sempre que ele fizer algo que você goste!

3) O elogio deve ser específico. Mostre a seu filho o que ele fez para deixá-lo tão feliz. Se ele desenhou uma casa bonita, não diga apenas “parabéns”. Diga “- Parabéns pela casa bonita que você fez!”. Seu filho deve sempre saber porque está sendo elogiado.

4) O elogio deve ser feito imediatamente após o bom comportamento ter sido emitido.

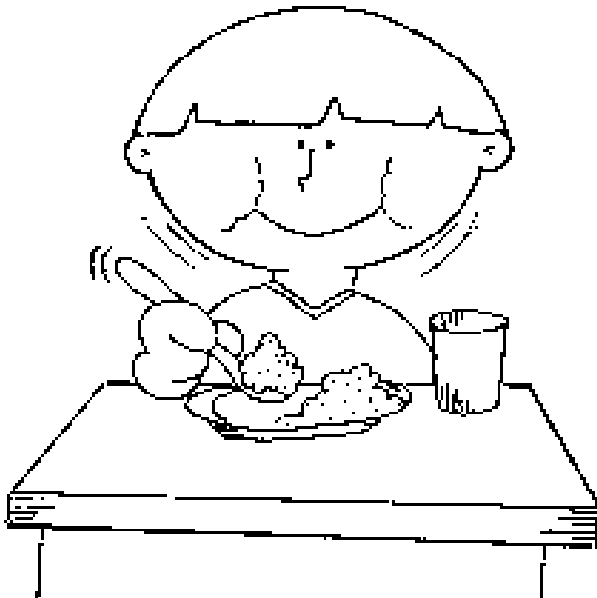
5) Permita que seu filho escolha a brincadeira e coloque as regras. Esse tempo é dele! Não interfira nas escolhas que ele fizer e nas regras que ele criar.

Divirta-se com ele! E lembre-se: é você quem estará brincando com ele, e não ele quem estará brincando com você!



PASSO 3: APRENDENDO A DAR ORDENS E ENSINANDO SEU FILHO A BRINCAR SOZINHO

Como você fala com seu filho quando quer que ele faça algo? Você manda ele fazer ou pede que ele faça? Quando você manda seu filho fazer algo ele tem que saber que não tem opção, que aquilo que você quer que ele faça tem que ser executado.



Quando você pede, ele pode escolher fazer ou não. Quando você dá uma ordem ele tem que obedecer.

Para que você consiga dar ordens da melhor forma possível e possa ter uma maior garantia de que serão cumpridas, demonstramos abaixo algumas regrinhas para você seguir sempre que for dar uma ordem. Não se esqueça de nenhuma, guarde todas em sua memória e lembre-se, com o tempo elas deixarão de ser regrinhas e passarão a fazer parte do seu dia-a-dia.

1) Ordem é ordem e não um pedido, portanto, evite usar por favor quando der uma ordem.

2) A ordem deve ser clara, objetiva e o tom de voz deve ser firme sem ser arrogante. (Lembre-se, ele não tem escolha!).

3) Dê uma ordem de cada vez. Espere a criança cumprir a primeira para dar a segunda ordem. Faça isto para evitar que ela se confunda ou esqueça e deixe de fazer o que é realmente necessário.

4) Seja específico. Diga exatamente o que quer que seja feito. Como por exemplo, “ Pedrinho, guarde, na caixa, os brinquedos que estão espalhados!”.

5) Tenha certeza que seu filho está prestando atenção em você (evite qualquer concorrência, como TV, brincadeira preferida...) e você nele (evite falar alto, de outro cômodo da casa, etc).

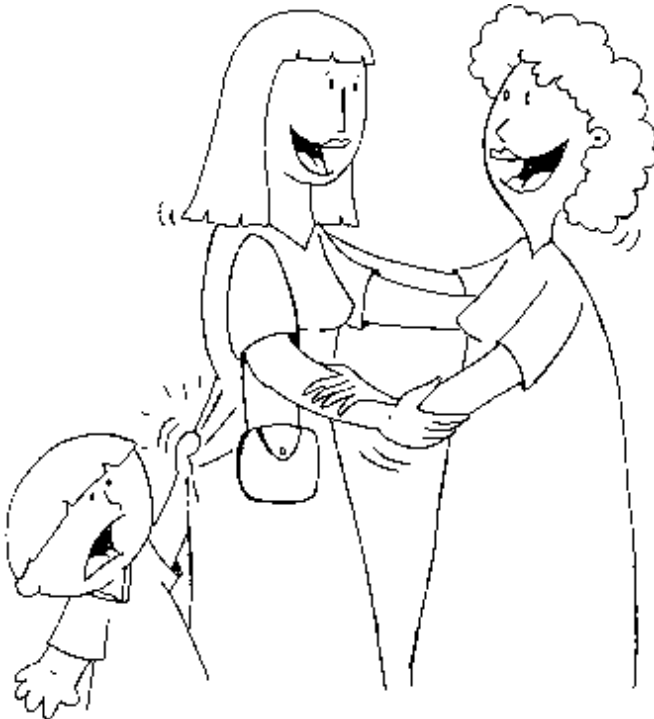
6) Peça sempre que a criança repita a ordem que foi dada, para se certificar que ela entendeu o que foi dito.

7) Tenha certeza que poderá supervisionar o cumprimento da ordem e mais, certifique-se de que é realmente necessário o seu cumprimento.

Preste atenção em seu filho enquanto ele executa a tarefa, assim ele não fará mal-feito ou deixará de fazer para chamar a atenção. E não se esqueça de elogiá-lo sempre que cumprir a ordem que você der (não se esqueça das regrinhas do elogio).



Quantas coisas você não consegue fazer porque seu filho “não deixa”? Não seria ótimo que ele aprendesse a brincar sozinho e não te interrompesse tanto!?



Tente dar atenção a ele antes que ele peça. Elogie seu bom comportamento de não ter interrompido, antes que ele te interrompa! Para isso, não se esqueça de ser claro ao elogiar, dizendo sempre o que gostou: - “Adoro quando você não me interrompe quando estou trabalhando!” (lembre-se: seja sincero em seus

elogios e elogie sempre).

.....

Agora que você sabe como dar uma ordem, leia de novo a historinha do início e tente descobrir em que os pais de Pedrinho erraram ao dar-lhe uma ordem.

PASSO 4: UTILIZANDO FICHAS

Às vezes só o elogio não é suficiente. Quando isso acontece, você pode usar outras formas de manter o bom comportamento do seu filho.

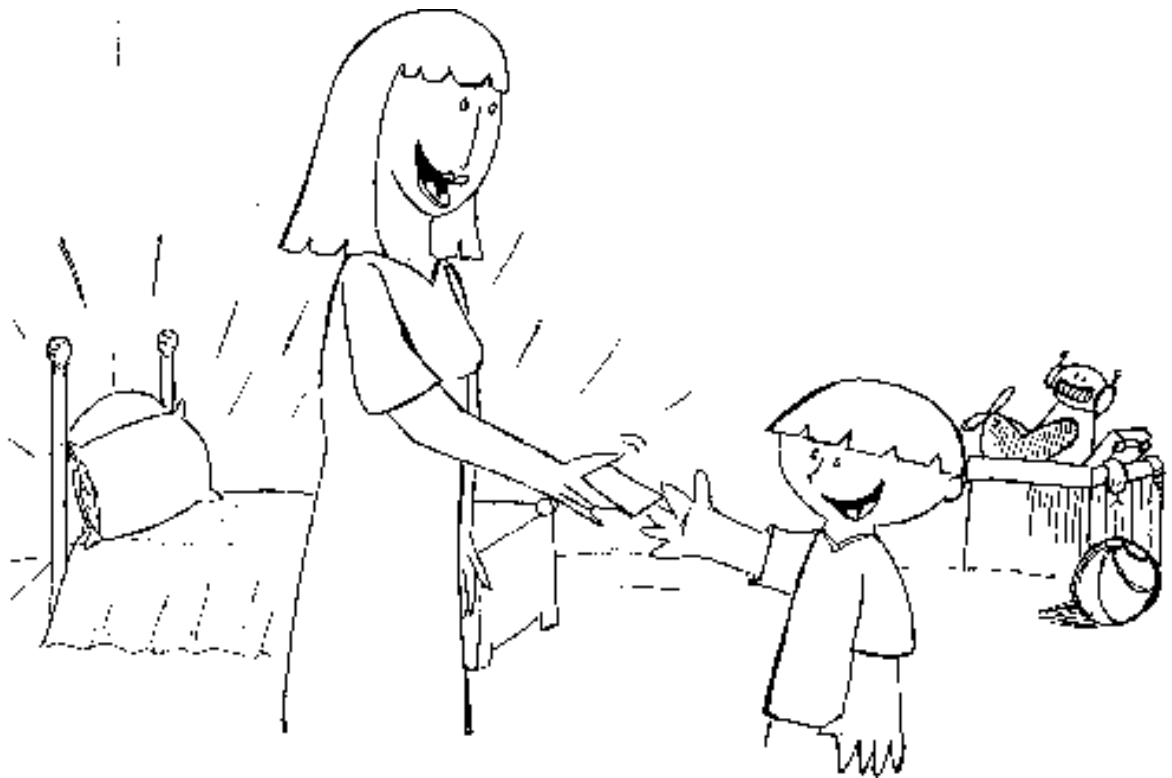
Assente com ele e faça uma lista das coisas que ele gosta de fazer (essa será a lista das recompensas).

LISTA DE RECOMPENSAS

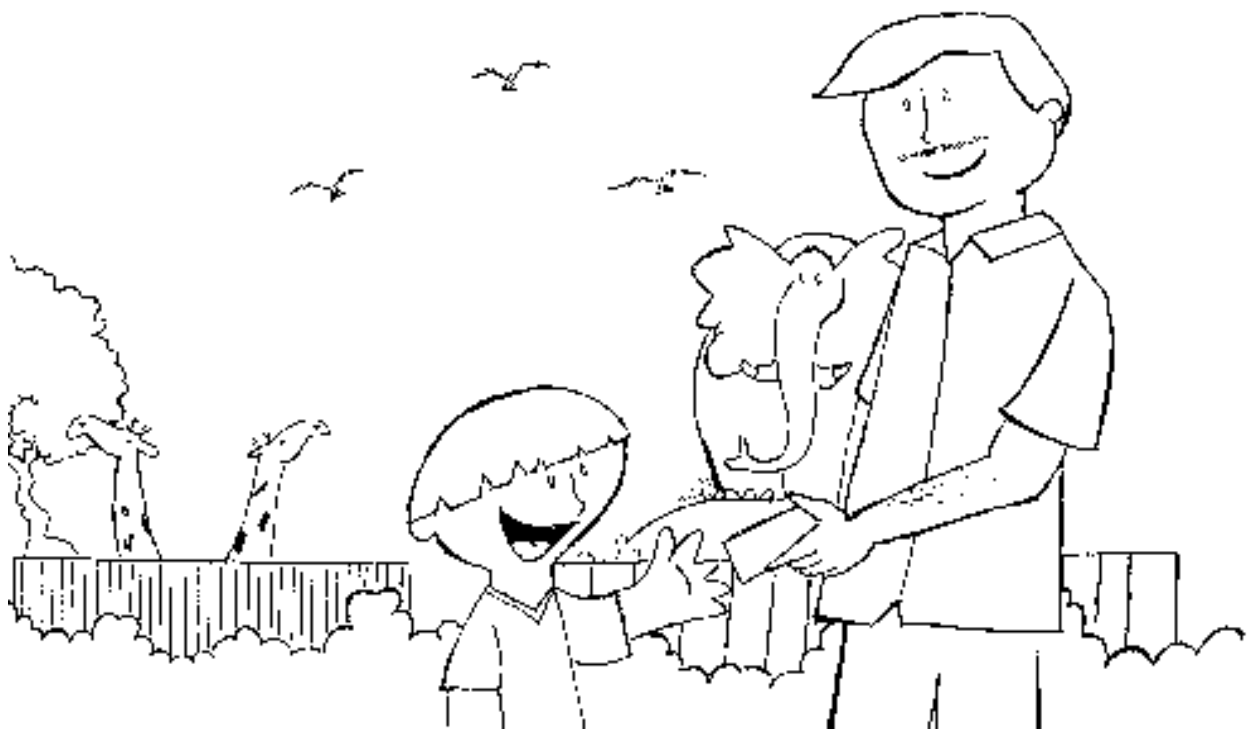
Depois, faça outra lista com as obrigações dele.

	LISTA DE OBRIGAÇÕES
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	
32	
33	
34	
35	
36	
37	
38	
39	
40	
41	
42	
43	
44	
45	
46	
47	
48	
49	
50	

Agora, faça fichas com valores ou cores diferentes, como se fossem dinheiro, e diga a seu filho que ele ganhará fichas, como essas, sempre que fizer alguma das obrigações que você listou.



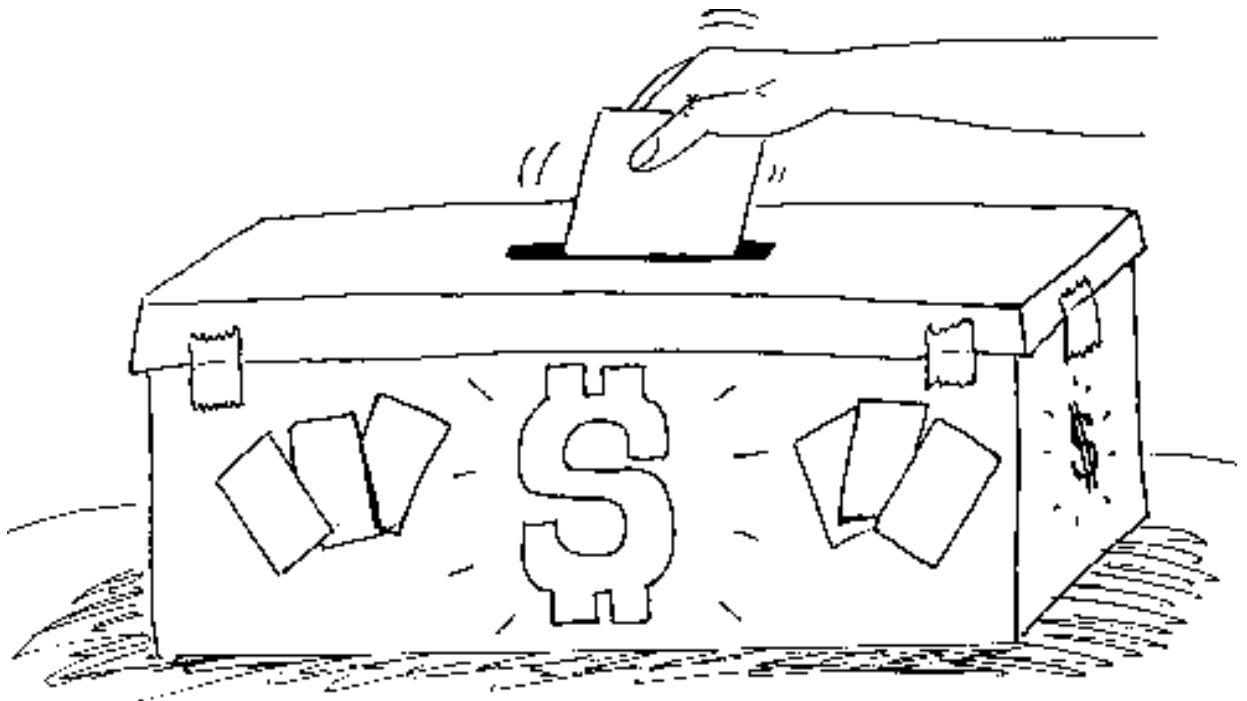
Diga também que, para fazer as coisas que ele gosta, ele terá que trocar pelas fichas que ganhar. Na primeira semana não cobre pelas recompensas, para que seu filho possa acumular fichas.



Dê valores para as tarefas de sua lista de obrigações, valorizando mais as obrigações mais difíceis ou aquelas que seu filho mais se recusa a fazer. Faça o mesmo com a lista de recompensas, dando mais valor às atividades que ele mais gosta. Combine com seu filho que você pode dar ou cobrar fichas extras em situações especiais. Preste atenção ao valor das obrigações e recompensas de modo que sempre sobrem algumas fichas para ele guardar.

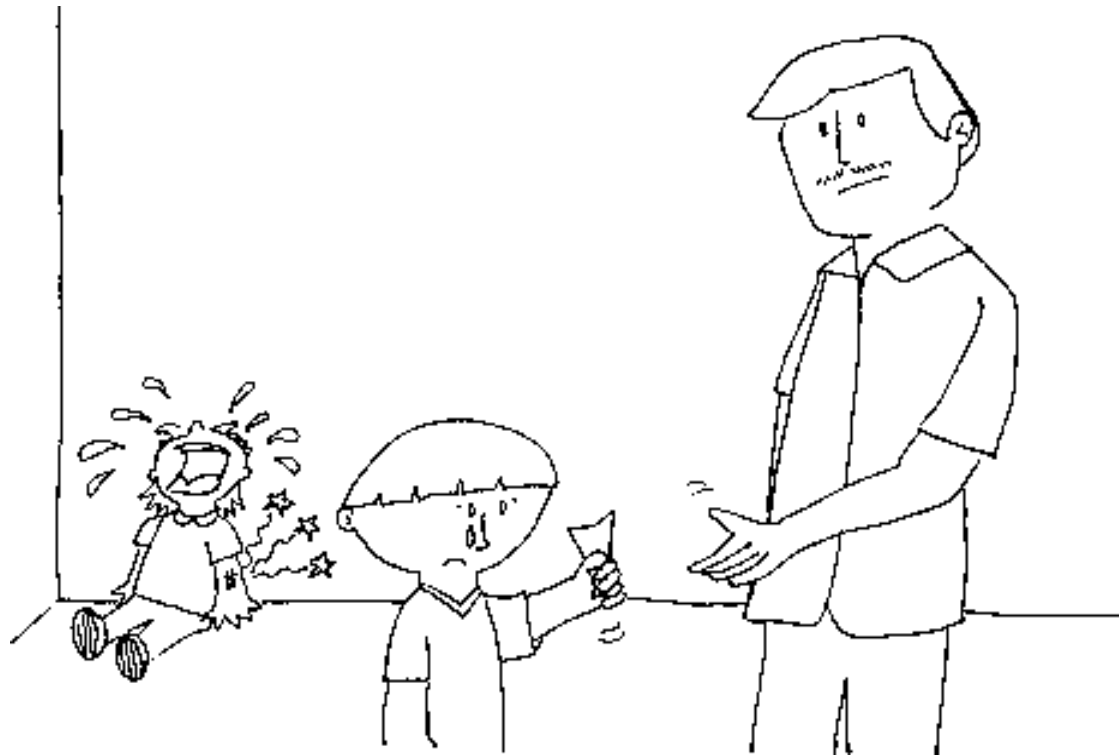
Sempre dê as fichas logo após ele ter terminado a tarefa; nunca deixe para mais tarde!

Sugestão: você pode construir com ele um cofrinho de caixa de sapato e recortes para que ele possa guardar suas economias.



PASSO 5: TIRANDO FICHAS E APLICANDO SUSPENSÃO

O que fazer quando seu filho se comporta mal? Assim como papai João e mamãe Maria você deve ter dúvidas em saber o que é melhor se fazer nessas horas.

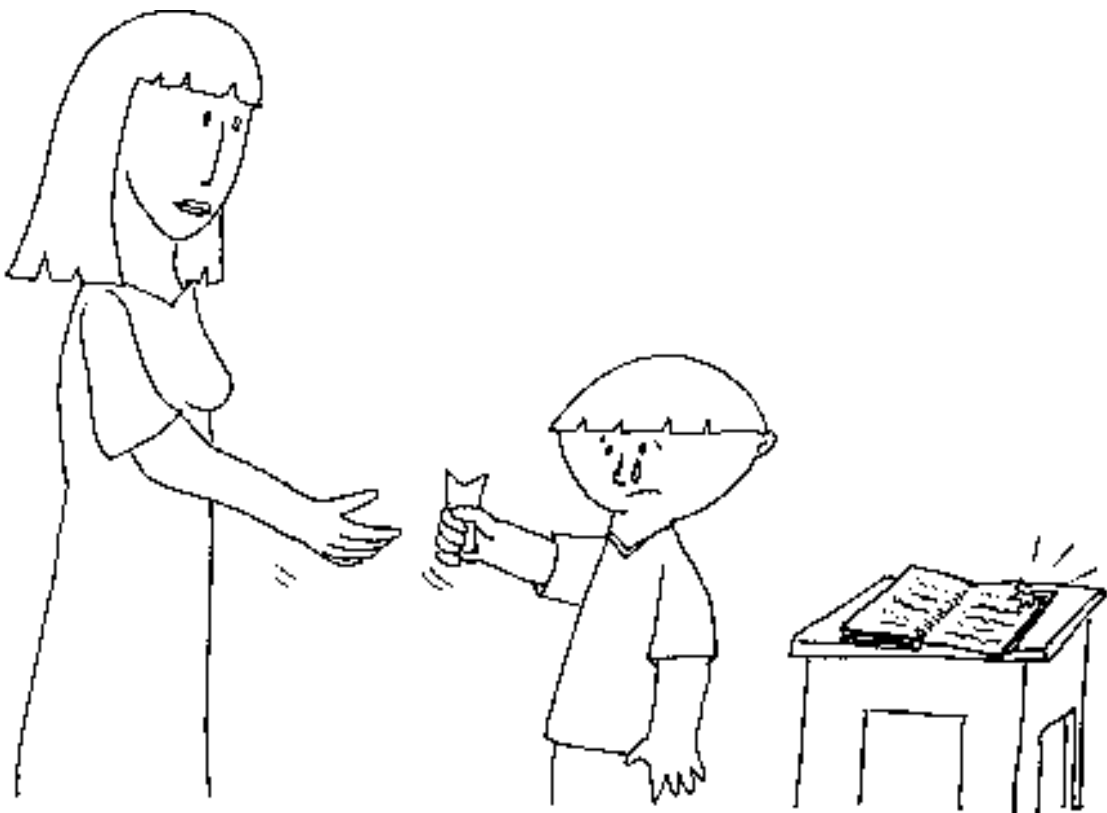


A

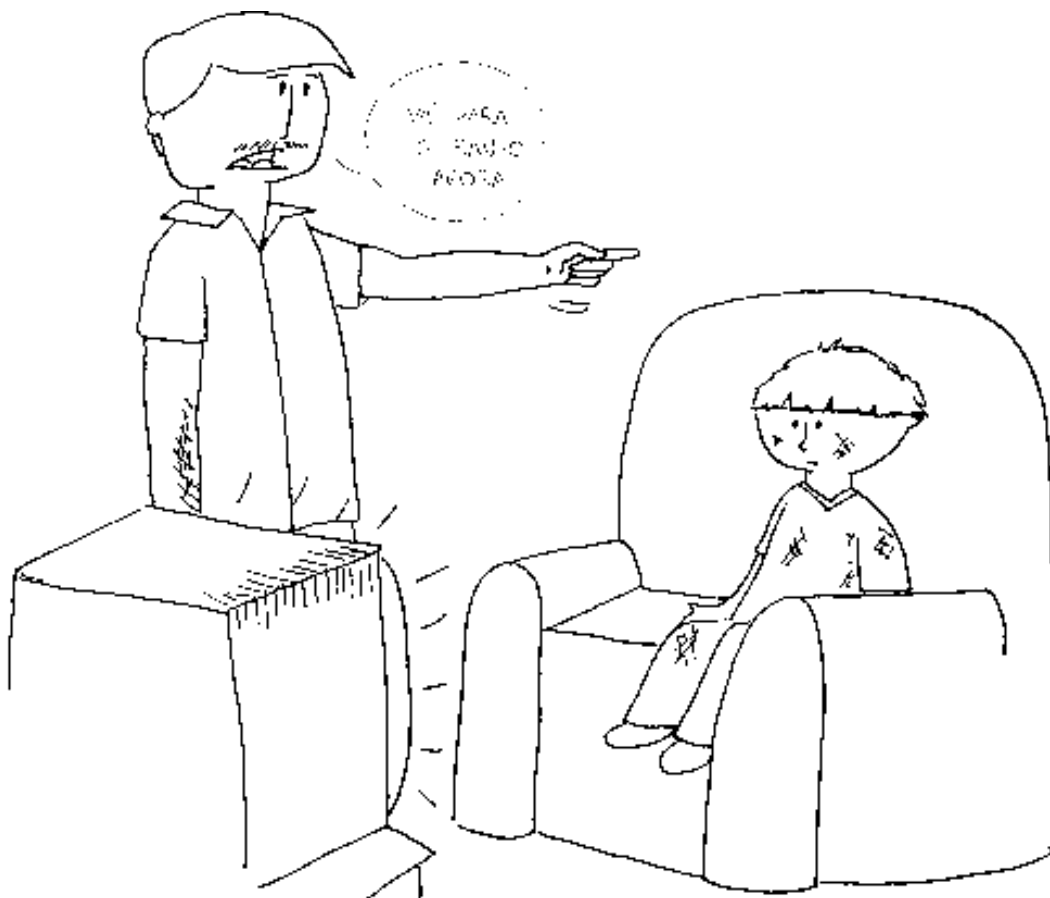
gora
que
você
e seu
filho
se
acost
umar
am
com
o uso
de
ficha
s,
tudo

fica mais fácil. Ao invés de bater, você pode tirar fichas quando ele se comporta mal.

Se seu filho ganhava 5 fichas para guardar os brinquedos, agora você pode tirar 5 fichas quando ele não os guardar. E ainda assim ele deve guardá-los. Não fique repetindo sua ordem (você é quem manda, não deixe que seu filho o enrole). Lembre-se que as retiradas de fichas devem ser feitas imediatamente após o não cumprimento da ordem. Quanto mais grave for o mau comportamento, mais seu filho pagará por ele.



Caso seu filho, mesmo perdendo as fichas, não execute a ordem que foi dada, não tome mais fichas. Repita a ordem e diga que ele terá cinco segundos para começar a obedecer e comece a contar. Quando este tempo acabar, coloque-o em suspensão, mesmo que ele resolva obedecer neste momento.

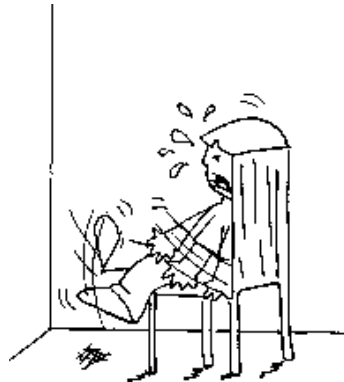


Para realizar a suspensão, coloque uma cadeira em um canto da casa que não tenha distrações, mas onde, ainda assim, você possa vê-lo. Nada de brinquedos ou TV por perto. Escolha com cuidado o lugar onde deverá ficar a cadeira, de modo que seu filho não fique chutando a parede ou se balançando.

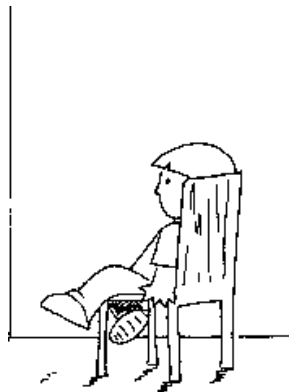
Pegue-o pelo braço de maneira firme e leve-o até a cadeira explicando o porquê da suspensão. Não discuta com seu filho neste momento. Se quiser, você pode avisar a ele que, caso este comportamento volte a se repetir, você não voltará a retirar fichas pois ele irá direto para a suspensão.



Seu filho deve ficar em suspensão por um período de tempo em minutos que seja igual à sua idade. Por exemplo: quando o Pedrinho da nossa historinha bate na Gabi, 7 minutos na cadeira, já Gabi, que tem 4 anos, coisas do irmão fica em minutos. Para graves, você pode dobrar deve sair da suspensão tempo determinado.



Você deve avisar a ele que, mesmo que o tempo determinado já tenha se esgotado, ele só sairá da quietinho. É importante que que demore. Além disso, repetir aquele do Pedrinho, ter batido na ordem que foi dada (caso suspensão). Você deve imediatamente após a a sua execução.



Você não deve permitir que seu filho saia da suspensão antes do tempo, mesmo que ele diga que quer ir ao banheiro ou que não se sente bem.

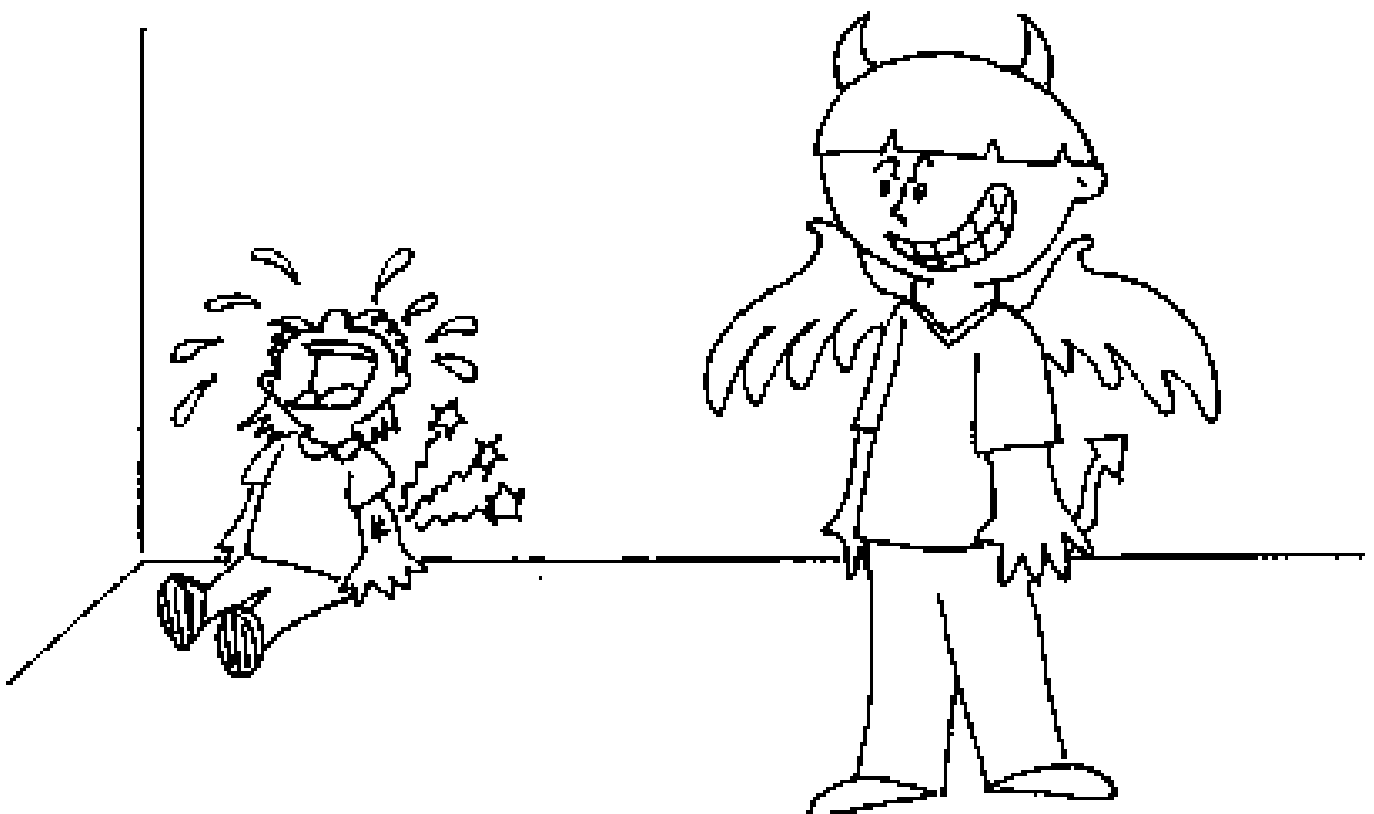
É preciso fazer uma pequena lista de comportamentos indesejáveis, colocando valores a serem trocados com a criança caso esses comportamentos ocorram. É preciso escolher também dois comportamentos graves que levarão seu filho direto para a cadeira.

Pode ser que o comportamento do seu filho piore durante esta semana, afinal você estará mudando muito a rotina de sua casa. Não se preocupe caso isso aconteça. É normal, e seu filho acabará se acostumando à nova rotina.

Seja firme e não desista!

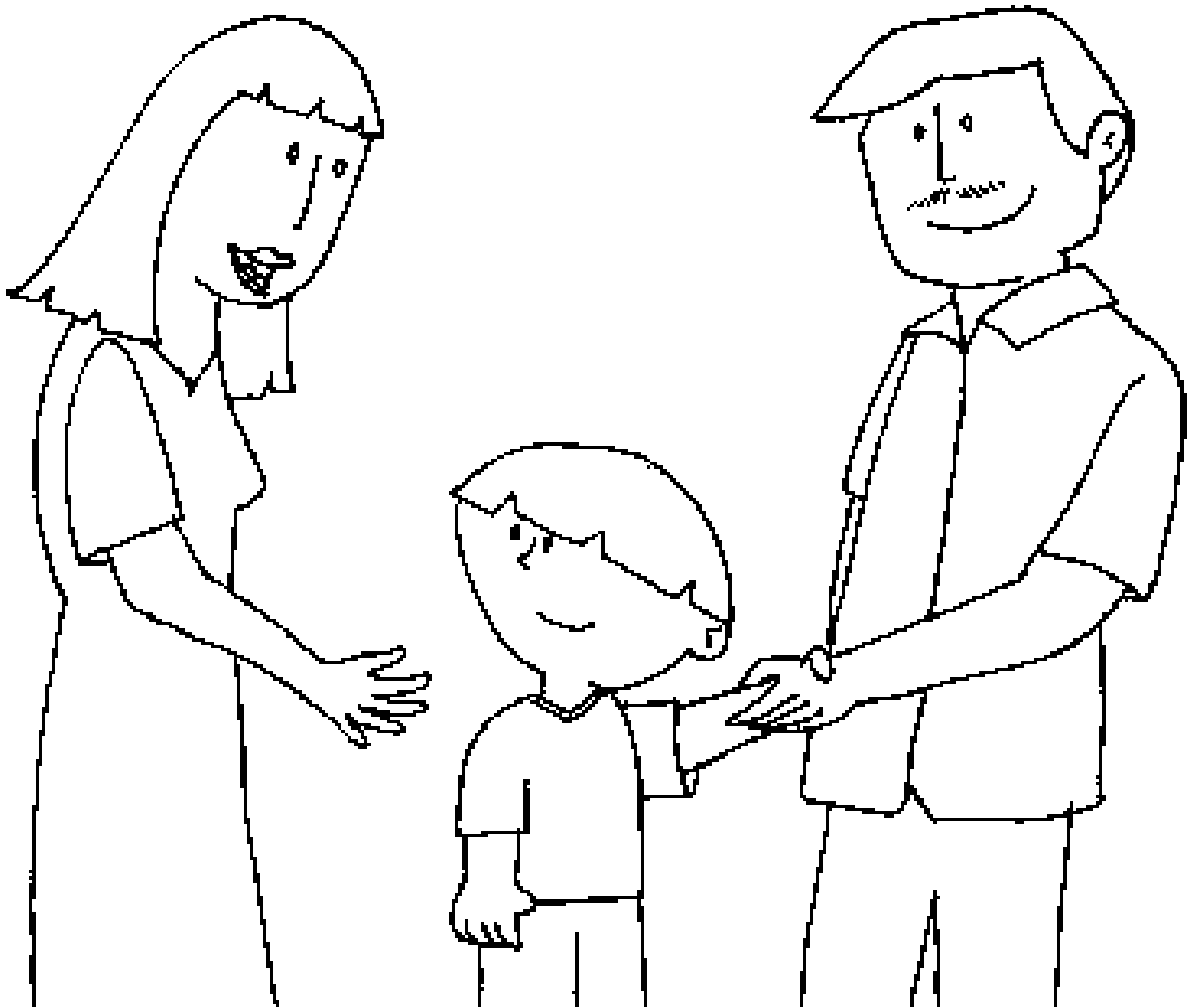
PASSO 6: ESTENDENDO A SUSPENSÃO

Tudo que você aprendeu sobre a suspensão continua valendo, só que agora você pode acrescentar mais dois comportamentos que levarão seu filho direto para a suspensão.



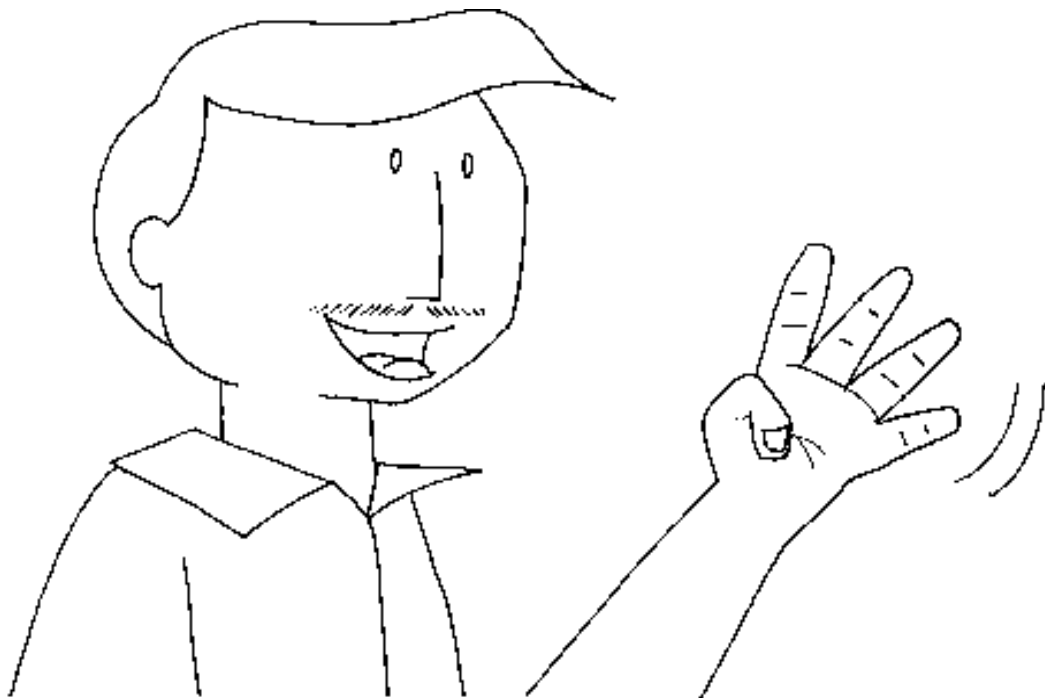
Converse com seu filho e o avise da nova mudança.

CONTINUE SENDO FORTE!



PASSO 7: ANTECIPANDO PROBLEMAS – LIDANDO COM CRIANÇAS EM LUGARES PÚBLICOS

Como ensinar seu filho a se comportar em lugares públicos? Você já aprendeu muita coisa sobre o comportamento deles e agora tudo será mais fácil!



S

e
g
u
i
n
d
o
3
o

u 4 regrinhas você poderá resolver o problema.

1º - Antes de entrar com seu filho em um lugar público, pare!! Combine como ele deve se comportar naquele lugar, e peça a ele que repita as instruções.

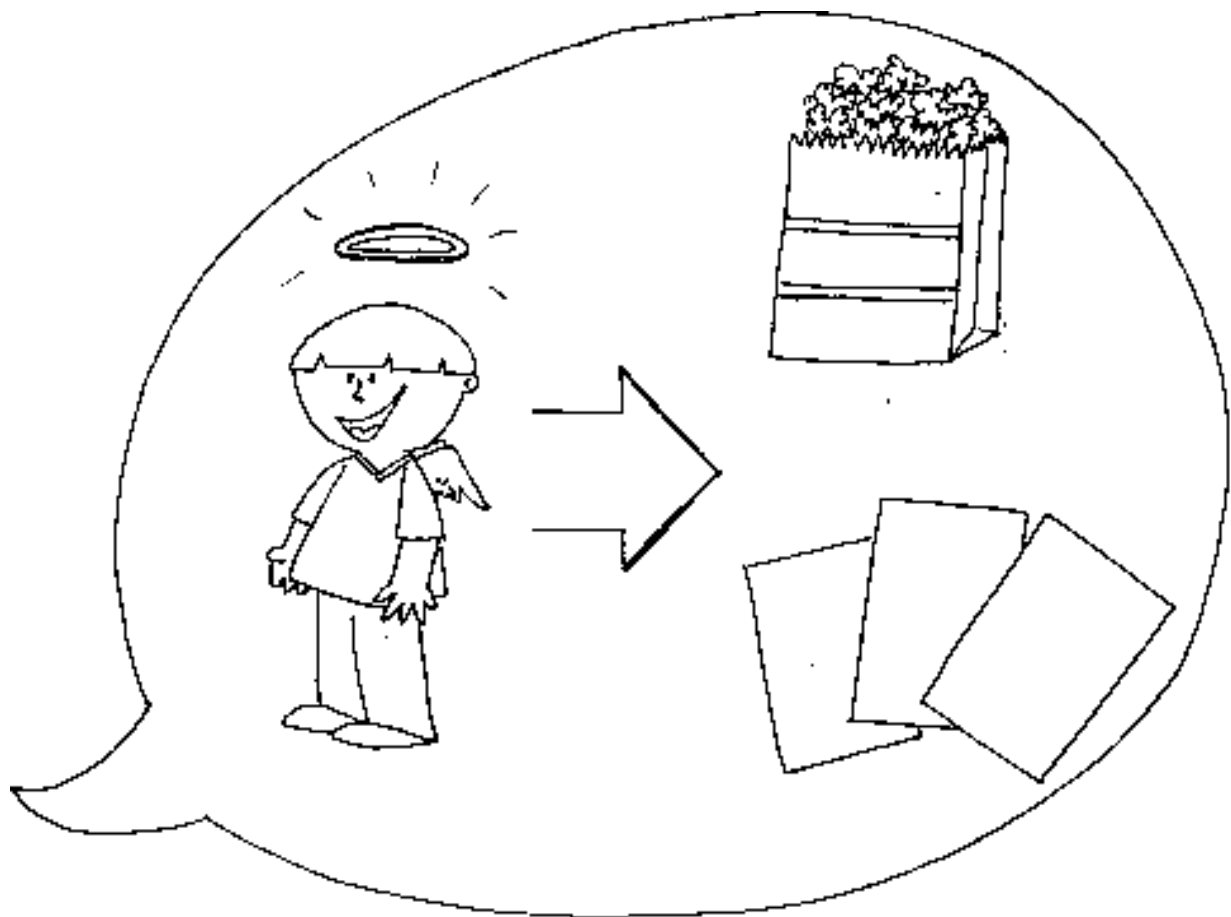
Você não deve entrar no local até que seu filho repita para você como ele deve se comportar. Se seu filho não quiser repetir, diga que ele será colocado em suspensão. Se preciso, cumpra sua ameaça ali mesmo, escolhendo um lugar o mais calmo possível.



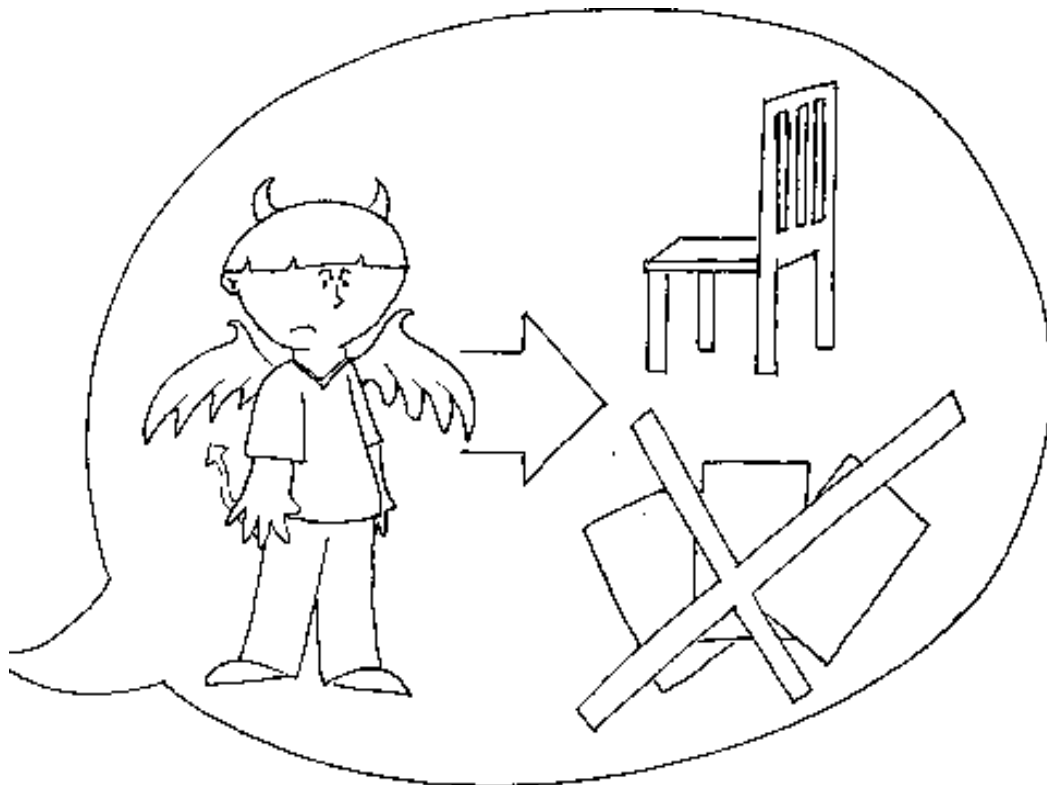
2º - Ainda antes de entrar, diga a seu filho o que ele ganhará por se comportar bem.



Você pode premiá-lo com fichas ou algo que ele goste (como pipoca, pirulito,...). Isso deve ser combinado nessa hora.



3º - Você agora deve dizer a seu filho o que acontecerá caso ele não se comporte bem. Você pode retirar fichas dele ou, em casos mais graves, colocá-lo em suspensão.



U
m
a
v
e
z
d
e
n
t
r

o do local, o comando não deve ser repetido. A criança já sabe o que acontecerá e você já sabe o que fazer. Não tenha medo de usar a suspensão em lugares públicos; é um dos melhores jeitos de ensinar seu filho a se comportar bem nesses locais. Agora vocês já podem entrar!

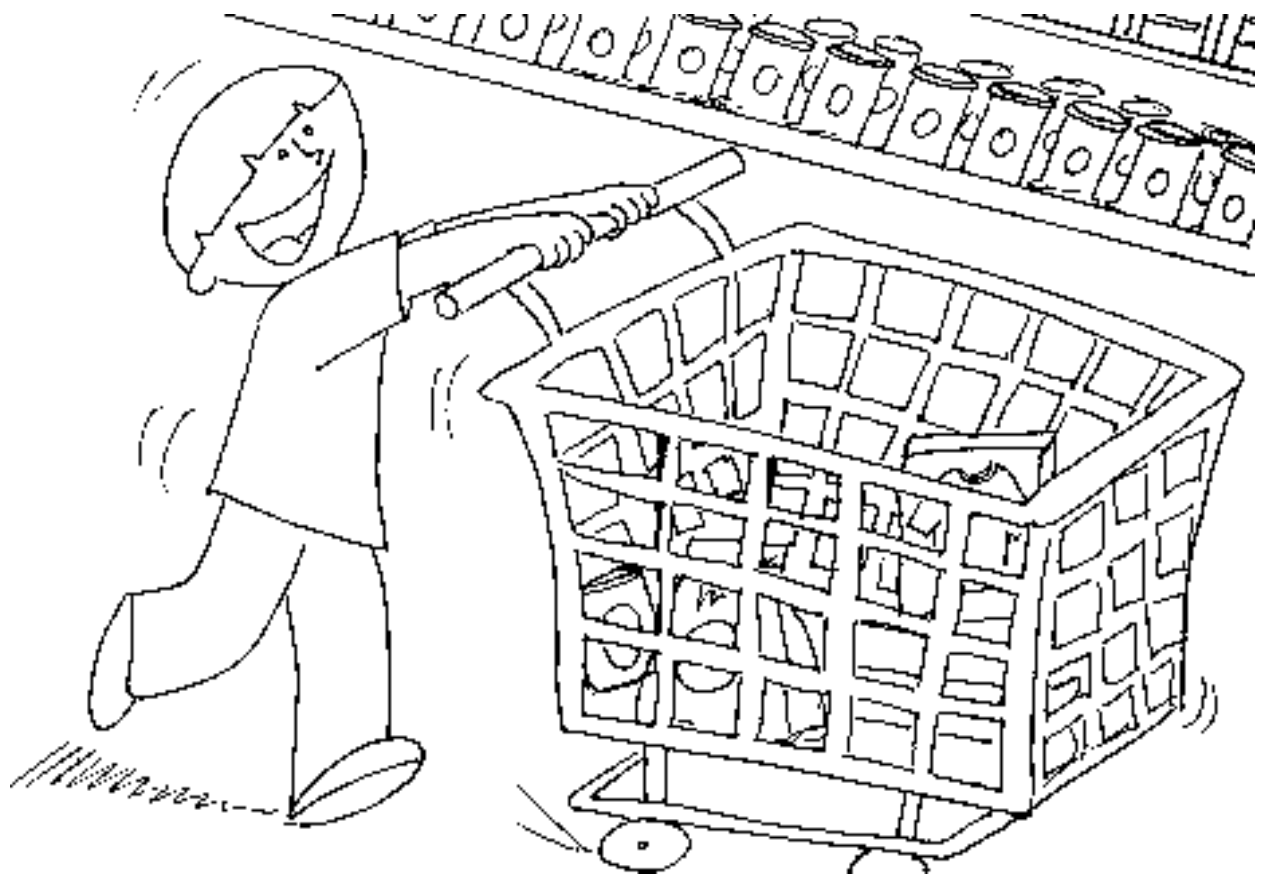
Quando já estiverem dentro do lugar, você deve fazer duas coisas: procure um lugar calmo para aplicar a suspensão, caso isso seja necessário, ou então comece a elogiar seu filho por seu bom comportamento.

Lembre-se: jamais deixe seu filho onde não possa vê-lo!

Caso esteja em algum lugar onde é impossível aplicar a suspensão, você pode avisar a seu filho que assim que chegarem em casa ele irá para a cadeira. Você deve alertá-lo a cada mau comportamento, para que ele saiba quantas “suspensões” deverá cumprir ao chegar em casa. Lembre-se de cumprir com sua palavra!

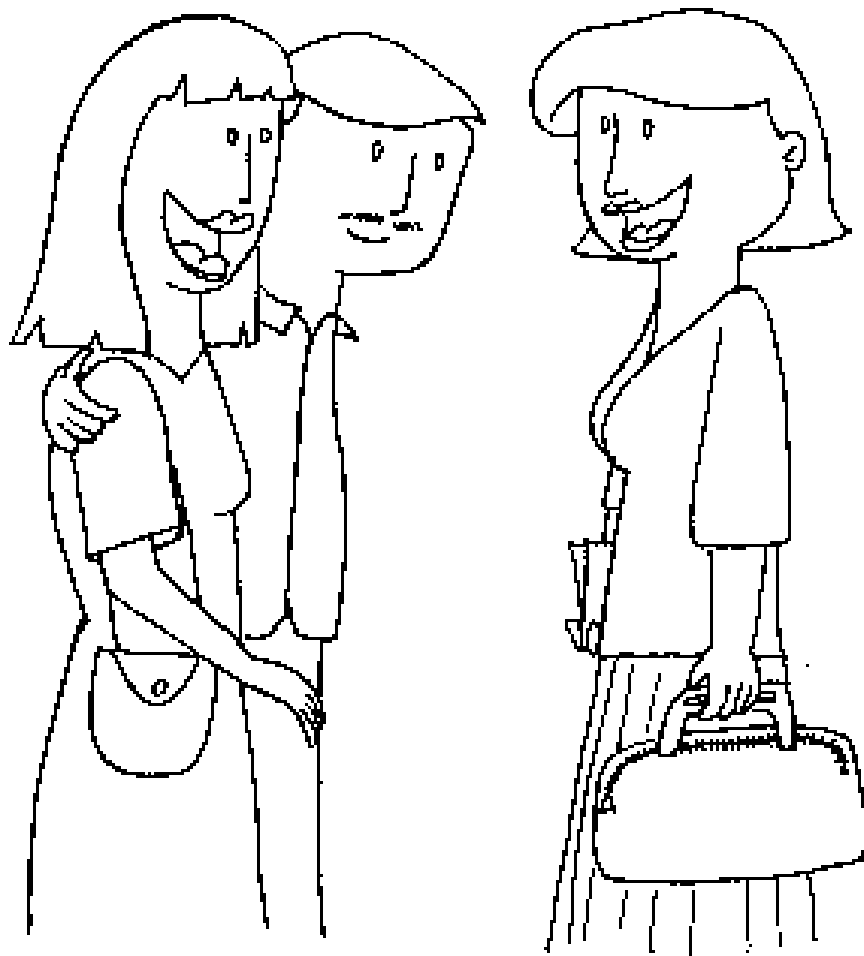
4º - Sempre que possível, dê alguma atividade para seu filho fazer, ocupando assim seu tempo. Parte do motivo do mau comportamento do seu filho, em lugares públicos, é que ele não tem nada construtivo ou prestativo para fazer. Isso dá a ele tempo para fazer coisas que não deveria. Assim, se você vai à feira, peça que o ajude a escolher frutas ou carregar compras.

Se vai ao supermercado, peça que o ajude, empurrando o carrinho. O importante é que você arrume alguma coisa para ele fazer, mantendo-o ocupado.



PASSO 8: MELHORANDO O COMPORTAMENTO NA ESCOLA

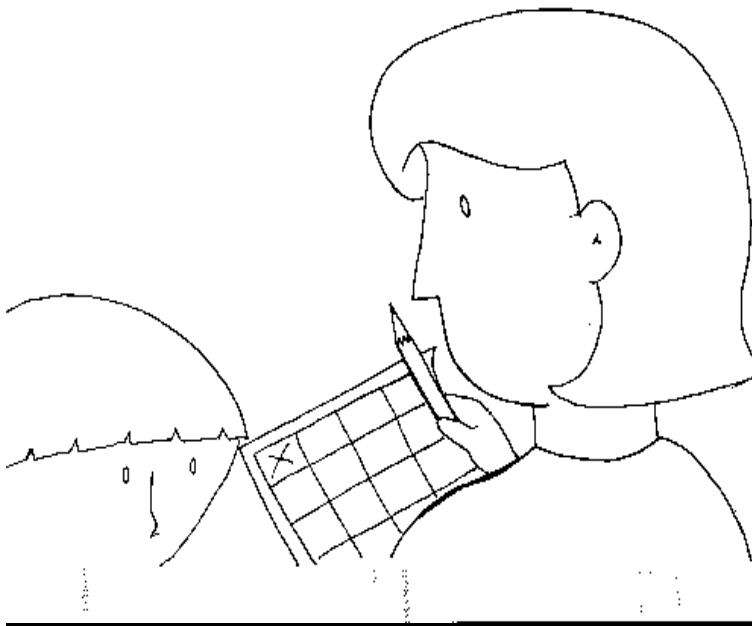
Vá até a escola de seu filho e converse com a professora dele. Diga a ela que é muito importante para você saber como ele tem se comportado nas aulas. Por isso, peça-lhe que faça anotações diárias no caderno de seu filho dizendo como ele se comportou.



É importante que seu filho veja a professora escrevendo suas observações.

Diga à professora que o bom comportamento também deve ser anotado, para que não seja esquecido. Você pode pedir também

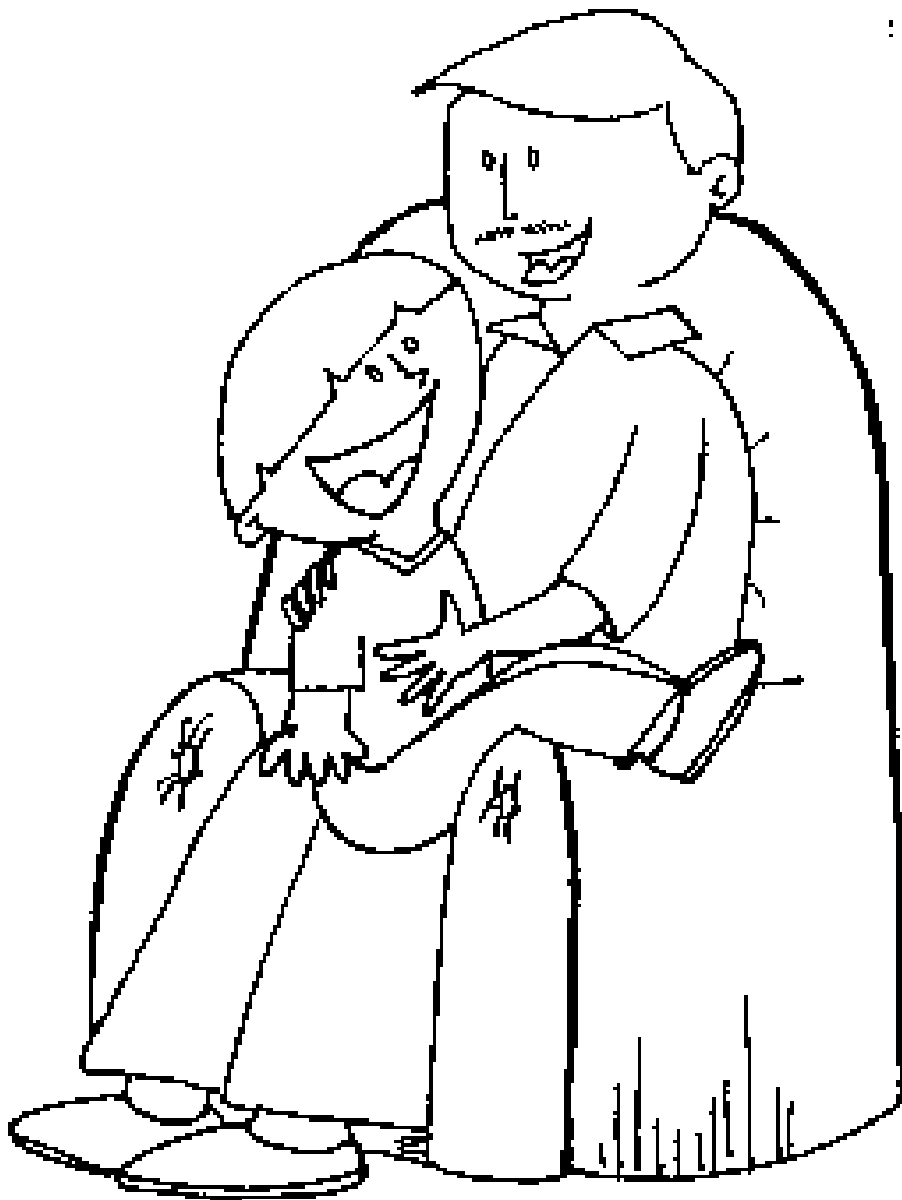
para ela elogiar, sempre, os bons comportamentos de seu filho assim que eles ocorrerem.



Você deve conferir diariamente as anotações feitas pela professora e recompensar ou punir seu filho, de acordo com a maneira com que ele se comportou em aula. Para isso você deve elogiá-lo ou usar fichas.

Lembre-se de conversar com seu filho sobre as anotações, pois a professora às vezes pode se enganar. Quando isso ocorrer, volte à escola e converse novamente com a professora.

Aproveite a hora de conversar sobre as anotações para saber como foi o dia de seu filho.



Agora que você já conhece mais sobre seu filho e sobre outras formas de lidar com seus comportamentos, não perca mais tempo! Comece já a aplicar o que você aprendeu!
Você tem o poder de melhorar a relação de vocês, basta querer!

Então, mãos à obra!

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ACHENBACH, T.M. "Developmental psychopathology". In: BORNSTEIN, M. H. & LAMB, M. E. (Orgs.) *Developmental psychology. An advanced textbook*. 2. ed., Hillsdale (NJ): Erlbaum, 1992. p. 629-676.

ANASTOPOULOS, A. & BARKLEY, R. A.. "Counseling and training parents". In: BARKLEY, R. A. *Attention-deficit hyperactivity disorder: a handbook for diagnosis and treatment*. New York: Guilford , 1990. p. 397-431.

BARKLEY, R. A.. *Attention-deficit hyperactivity disorder: a handbook for diagnosis and treatment*. New York: Guilford, 1990.

BARKLEY, R. A.. *ADHD and the nature of self-control*. New York: Guilford, 1997a.

BARKLEY, R. A.. *Defiant children. A clinician's manual for assessment and parent training*. 2. ed.. New York: Guilford, 1997b.

CASPI, A.; ELDER Jr., G. H. & BEM, D.. Moving against the world: life-course patterns of explosive children. *Developmental Psychology*, 23, 1987. P. 398-313.

COLLINS, W. A.; MACCOBY, E. E.; STEINBERG, L.; HETHERINGTON, E. M. & BORNSTEIN, M. H.. Contemporary research on parenting. The case for nature and nurture. *American Psychologist*, 55, 2000.

DÖPFNER, M.; SCHÜRMAN, S. & FRÖLICH, J.. *Therapieprogramm für Kinder mit hyperkinetischem und oppositionellem Problemverhalten –THOP*, 1997. Weinheim: PVU.

KAZDIN, A. E.. *Behavior modification in applied settings*. 5. ed.. Pacific Grove (CA): Brooks/Cole, 1994.

KNÄUPER, B. & SCHWARZER, R.. "Gesundheit über die Lebenspanne". In: R. OERTER, C. von HAGEN; G. RÖPPER & G. NOAM (Orgs.) *Klinische Entwicklungspsychologie. Ein Lehrbuch*, 1999. Weinheim: Beltz/PVU. p. 711-727.

KUSCH & PETERMANN, F. "Tiefgreifende Entwicklungsstörungen". In: PETERMANN, F. (Org.) *Lehrbuch der klinischen Kinderpsychologie und -psychotherapie*. 4. ed.. Göttingen: Hogrefe, 2000. p. 411-452.

LURIA, A. R.; NAYDIN, V. L.; TSVETKOVA, L. S. & VINARSKAYA, E. N.. "Restoration of higher cortical function following local brain damage". In: VINKEN, P. J. ; BRUYN, G. W.; CRITCHLEY, M. & FREDERIKS, J. A. M. (Orgs.) *Handbook of clinical neurology: Disorders of higher nervous activity*. New York: Wiley, Amsterdam: North Holland, 1969. v. 3, p. 368-433.

MACMAHON, R. J.. "Treinamento de pais". In: CABALLO, V. E. (Org.) *Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento*. São Paulo: Santos, 1996. p. 399-422.

PAPALIA, D. E. & OLDS, S. W.. *Desenvolvimento humano*. 7. ed.. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.

PETERMANN, F. & PETERMANN, U.. *Training mit aggressiven Kindern*. 8. ed.. Weinheim: PVU, 1997.

TEETER, P. A. & SEMRUD-CLIKEMAN, M. *Child neuropsychology. Assessment and interventions for neurodevelopmental disorders*. Boston: Allyn & Bacon, 1997.

TRAMONTANA, M. G. & HOOPER, S. R.. "Neuropsychology of child psychopathology". In: REYNOLDS, C. R. & FLETCHER-JANZEN, E. (Orgs) *Handbook of clinical child neuropsychology*. 2. ed.. New York: Plenum, 1997. , p. 120-139.

WELLS, K.C. "Parent and family management training". In: CRAIGHEAD, L. W.; CRAIGHEAD, W. E.; KAZDIN, A. E. & MAHONEY, M. L. M.J. (Orgs.) *Cognitive and behavioral interventions: An empirical approach to mental health problems* Boston: Allyn and Bacon, 1994. p. 251-266.

REALIZAÇÃO

Laboratório de Psicologia da Família
e
Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento
Universidade Federal de Minas Gerais

Vítor Geraldi Haase: Professor Doutor da Universidade Federal de Minas Gerais

Christoph Käppler: Professor Doutor da Universidade Federal de Minas Gerais

Alexa Schaefer: Mestre em Psicologia pela Universidade de Freiburg, Alemanha.

Camila Teixeira Heleno: Graduanda de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, bolsista pela FAPEMIG.

Janine Marinho Dagnoni: Graduanda de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, bolsista pelo CNPq.

Patrícia Corrêa de Freitas: Graduanda de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais

I) ILUSTRAÇÕES

Bruno Corrêa Soares e Patrícia Corrêa de Freitas